

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS LAGO DA PEDRA
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DA LÍNGUA
PORTUGUESA

KAWANY SILVA DE SOUSA LIRA

LITERATURA EM QUADRINHOS: adaptações literárias em histórias em quadrinhos
como ferramenta de incentivo à leitura no 9º ano

Lago da Pedra – MA
2025

KAWANY SILVA DE SOUSA LIRA

LITERATURA EM QUADRINHOS: adaptações literárias em histórias em quadrinhos
como ferramenta de incentivo à leitura no 9º ano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Lago da Pedra, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Rondiney de Souza Alves

FICHA CATALOGRÁFICA

L768l Lira, Kawany Silva de Sousa.

Literatura em quadrinhos : Adaptações literárias em história em quadrinhos como ferramenta de incentivo a leitura no 9º ano / Kawany Silva de Sousa Lira – Lago da Pedra-MA, 2025.

00 f: il.

Proposta Pedagógica (Graduação em Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/ Campus Lago da Pedra, 2025.

Orientador: Profº Esp. Rondiney de Souza Alves

1. Adaptações Literárias 2. Ensino Fundamental 3. Histórias em quadrinhos 4. Incentivo a Leitura

CDU: 82-93:028

Elaborada por Poliana de Oliveira Ferreira CRB/13-702 MA

KAWANY SILVA DE SOUSA LIRA

LITERATURA EM QUADRINHOS: adaptações literárias em histórias em quadrinhos
como ferramenta de incentivo à leitura no 9º ano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, campus Lago da Pedra, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Rondiney de Souza Alves

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Rondiney de Souza Alves
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

1º Examinadora: Larissa de Menezes Costa
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

2º Examinadora: Maria Eliene Ferreira da Silva
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a mim mesma, por não ter desistido mesmo quando tudo parecia desmoronar. Por cada lágrima silenciosa e cada instante em que, mesmo exausta, eu insisti em continuar.

Aos meus pais, que mesmo de longe foram meu alicerce, minha força invisível nos momentos em que eu precisei lembrar de onde vim e por que comecei.

E à Lorena, pelo incentivo constante, pelas palavras que me ergueram nos dias mais difíceis e por me lembrar que eu era capaz, mesmo quando eu esquecia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me auxiliado e me dado forças para que eu pudesse chegar até o fim dessa caminhada.

Ao professor Rondiney Alves, minha gratidão pela orientação paciente, pelos conselhos certos e por acreditar no meu potencial mesmo quando eu mesma tive dúvidas.

Agradeço de coração a todos os professores do curso, que contribuíram para minha formação não apenas com conhecimento, mas com exemplos, escuta e acolhimento.

Aos colegas de caminhada, que dividiram comigo horas de aula, risos, cansaços e sonhos: José Milton, Ana Vitória, Pamela vocês marcaram minha trajetória. E um agradecimento especial ao Thiago, companheiro incansável de trabalhos e estágios, com quem aprendi tanto e compartilhei momentos que levarei para sempre.

À minha base, meu alicerce, minha família. Minha mãe, Vanda, que sempre foi força, colo e coragem. Meu pai, Idelbrando, exemplo de honestidade e esforço. Meu irmão, Iago, com quem compartilho o orgulho e o amor de ser quem sou.

A cada um que, de alguma forma, fez parte dessa história: meu sincero obrigado. Levo comigo um pedaço de cada um de vocês.

*"Grandes realizações são possíveis quando se
vence o medo e se abraça o desafio."*

— Ralph Waldo Emerson

RESUMO

Esta monografia investiga o uso de adaptações literárias em histórias em quadrinhos (HQs) como ferramenta de incentivo à leitura entre alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular. Partindo da compreensão de que a leitura literária é essencial para a formação crítica, linguística e cultural dos estudantes, o trabalho propõe refletir sobre estratégias pedagógicas capazes de aproximar os jovens leitores da literatura, especialmente por meio de suportes mais atrativos e acessíveis como as HQs. A escolha pelo 9º ano justifica-se pelo perfil do público-alvo, geralmente adolescentes em processo de construção de identidade, cujos interesses muitas vezes não se conectam com os modelos tradicionais de leitura escolar. O embasamento teórico apoia-se em estudiosos como Will Eisner, Scott McCloud, Linda Hutcheon, Ítalo Calvino, Ana Maria Machado, Rildo Cosson, entre outros, que discutem o valor estético e educativo das HQs e das adaptações literárias. Além disso, o trabalho dialoga com diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que incentiva o uso de diferentes gêneros textuais e múltiplas linguagens no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada com alunos de uma escola particular por meio da aplicação de questionários e oficinas pedagógicas que envolveram a leitura de HQs adaptadas de obras clássicas. A análise dos dados revelou um aumento no interesse dos estudantes pela leitura, maior engajamento nas atividades em sala de aula e um fortalecimento da interpretação crítica dos textos. As HQs facilitaram a aproximação dos alunos com os conteúdos literários, ampliaram sua compreensão leitora e despertaram o prazer pela leitura, superando a visão da literatura como uma obrigação escolar. Os resultados indicam que as HQs não devem ser vistas apenas como recursos de transição para a literatura tradicional, mas como produções autônomas, com potencial estético, crítico e formativo. Sua linguagem híbrida que articula imagem e texto permite múltiplas formas de leitura, estimula a criatividade, favorece a inclusão de diferentes estilos de aprendizagem e contribui para a formação de leitores mais competentes e sensíveis. A mediação docente é destacada como elemento central nesse processo, exigindo sensibilidade na escolha das obras, domínio das linguagens envolvidas e compromisso com uma prática pedagógica que valorize a diversidade cultural e textual.

Palavras-chave: Adaptações Literárias, Ensino Fundamental, Histórias em Quadrinhos, Incentivo à Leitura.

ABSTRACT

This monograph investigates the use of literary adaptations in comic books (graphic novels) as a tool to encourage reading among 9th-grade students in a private school. Based on the understanding that literary reading is essential for the critical, linguistic, and cultural formation of students, the study aims to reflect on pedagogical strategies capable of bringing young readers closer to literature, especially through more attractive and accessible media such as comics. The choice of the 9th grade is justified by the profile of the target audience typically adolescents in the process of identity construction whose interests often do not align with traditional models of school reading. The theoretical framework relies on scholars such as Will Eisner, Scott McCloud, Linda Hutcheon, Italo Calvino, Ana Maria Machado, Rildo Cosson, among others, who discuss the aesthetic and educational value of comics and literary adaptations. Additionally, the study dialogues with the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC), which encourages the use of different textual genres and multiple languages in the teaching-learning process. The qualitative research was conducted with students from a private school through the application of questionnaires and pedagogical workshops involving the reading of comic book adaptations of classic works. Data analysis revealed an increase in students' interest in reading, greater engagement in classroom activities, and a strengthening of critical interpretation of texts. Comics facilitated students' approach to literary content, expanded their reading comprehension, and awakened the pleasure of reading, overcoming the perception of literature as a mere school obligation. The results indicate that comics should not be seen merely as transitional resources toward traditional literature but as autonomous productions with aesthetic, critical, and formative potential. Their hybrid language, which articulates image and text, allows multiple forms of reading, stimulates creativity, favors the inclusion of different learning styles, and contributes to the formation of more competent and sensitive readers. Teacher mediation is highlighted as a central element in this process, requiring sensitivity in selecting works, mastery of the involved languages, and commitment to pedagogical practice that values cultural and textual diversity.

Keywords: Literary Adaptations, Elementary Education, Comic Books, Reading Encouragement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01 – Interesse em conhecer a história de O Cortiço.....	50
Gráfico 02 – Imagens da HQ como instrumento para facilitar a Leitura.....	51
Gráfico 03 – Interesse pela HQ.....	53
Gráfico 04 – Você gostaria de ler outras obras literárias em formato de quadrinhos.....	54
Gráfico 05 – Reflexão em relação à leitura.....	56

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

HQ – História em Quadrinhos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 LITERATURA EM QUADRINHOS	16
2.1 A Literatura em Quadrinhos: Conceitos e Características.....	16
2.2 Adaptações Literárias em HQs: uma nova perspectiva para clássicos.....	22
2.3 Histórias em Quadrinhos como Ferramenta de Incentivo à Leitura.....	32
2.4 A Importância das Histórias em Quadrinhos no Contexto Educacional	36
2.5. Leitura no Ensino Fundamental: Desafios e Possibilidades	40
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 Tipo de Pesquisa.....	44
3.2 Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados.....	45
3.3. Público-Alvo e Local de Aplicação.....	46
3.4. Critérios de Análise	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
4.1. Análise dos dados Coletados	50
4.2. Reflexões sobre o uso de HQs como incentivo à Leitura no 9º Ano.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	64
APÊNDICE A - Questionários aplicados.....	64
APÊNDICE B – Aplicação da Oficina de Leitura da História em Quadrinhos	109

1 INTRODUÇÃO

A leitura desempenha um papel central na formação de sujeitos críticos, autônomos e socialmente participativos. Mais do que uma simples decodificação de palavras, ler envolve interpretar, refletir, dialogar com o texto e com o mundo. No contexto escolar, a leitura literária é considerada uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade e da linguagem, além de ser um elemento estruturante para o sucesso nas demais áreas do conhecimento. Entretanto, apesar de sua relevância, ainda é comum encontrar dificuldades no estímulo à leitura entre os estudantes, sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental.

Entre os principais desafios enfrentados nesse processo está a desconexão entre os materiais didáticos propostos e os interesses reais dos alunos. Muitas vezes, o conteúdo literário abordado em sala de aula não dialoga com a vivência dos jovens, tampouco contempla os diversos modos de ler presentes no cotidiano. Essa lacuna pode gerar desmotivação, resistência e até mesmo aversão à leitura, especialmente quando esta é tratada apenas como uma obrigação escolar, sem espaço para o prazer estético, a identificação pessoal ou a mediação sensível por parte do professor. É nesse contexto que se evidencia a necessidade de repensar as estratégias de ensino da leitura, investindo em práticas mais atrativas e significativas.

Dentre as alternativas possíveis, destaca-se o uso das histórias em quadrinhos (HQs), que combinam linguagem verbal e visual e possuem um apelo natural junto ao público juvenil. As HQs, quando bem selecionadas e aplicadas com intencionalidade pedagógica, podem representar um importante recurso de mediação literária, contribuindo não apenas para o desenvolvimento da competência leitora, mas também para a aproximação do aluno com a literatura de forma mais acessível e envolvente. Assim, integrar adaptações literárias em quadrinhos ao trabalho escolar pode ser uma estratégia eficaz para despertar o interesse pela leitura e ampliar as experiências estéticas e interpretativas dos estudantes.

Nesse contexto, a literatura em quadrinhos especialmente as adaptações de obras clássicas para o formato de histórias em quadrinhos (HQs) surge como uma estratégia promissora para o fomento do letramento literário. Ao integrar linguagem verbal e visual, as HQs favorecem a mediação entre texto literário e leitor, tornando-se uma possibilidade concreta de acesso à literatura por meio de uma linguagem mais próxima do cotidiano dos estudantes. Além disso, esse gênero textual se alinha aos multiletramentos e às exigências contemporâneas de leitura crítica e interpretativa.

A escolha por investigar o uso das adaptações literárias em HQs como ferramenta de incentivo à leitura no 9º ano do Ensino Fundamental se justifica pela urgência em desenvolver práticas de leitura mais atrativas, inclusivas e eficazes. Os estudantes dessa etapa da educação básica, em sua maioria adolescentes entre 13 e 14 anos, encontram-se em uma fase de formação de identidade e construção de repertório cultural, sendo, portanto, um público-alvo estratégico para ações voltadas ao fortalecimento do gosto pela leitura. Ademais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de trabalhar diferentes suportes textuais e linguagens, incentivando práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e textual.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de contribuir com novas perspectivas metodológicas para o ensino de literatura, especialmente em escolas públicas, onde muitas vezes os recursos são escassos e o desinteresse pela leitura é mais evidente. Compreender os efeitos do uso das HQs na prática pedagógica permite não apenas ampliar o repertório de estratégias docentes, como também promover uma educação mais significativa e dialógica, que reconheça os saberes e interesses dos alunos.

A partir dessa problemática, a questão norteadora deste estudo é: De que forma o uso de adaptações literárias em histórias em quadrinhos pode contribuir para o incentivo à leitura entre os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental?

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é investigar o impacto do uso de histórias em quadrinhos literárias como ferramenta pedagógica de incentivo à leitura no 9º ano do Ensino Fundamental. Para alcançar esse propósito, destacam-se os seguintes objetivos específicos: analisar as percepções dos alunos em relação à leitura antes e após a aplicação da proposta com HQs; verificar o nível de engajamento e interesse dos estudantes durante as atividades com histórias em quadrinhos; avaliar a contribuição das HQs para o desenvolvimento da competência leitora e da interpretação textual; e refletir sobre as potencialidades das adaptações literárias em HQs como recurso de mediação literária no contexto escolar.

O presente trabalho foi estruturado de modo a proporcionar uma compreensão clara e aprofundada do tema investigado, bem como garantir um desenvolvimento coerente da pesquisa. A organização dos capítulos segue uma sequência lógica que se inicia com a introdução do problema, passando pela revisão da literatura e pela descrição dos procedimentos metodológicos, culminando na análise dos dados obtidos. O objetivo dessa estrutura é oferecer um texto que alie clareza expositiva à consistência teórica, evidenciando a relevância do uso das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica de incentivo à leitura entre alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

No capítulo introdutório, apresenta-se o tema central da pesquisa, bem como sua motivação e pertinência no contexto educacional contemporâneo. Nesse espaço, delineiam-se a problemática que orienta o estudo, o objetivo geral e os objetivos específicos, além de uma breve contextualização sobre os desafios enfrentados pelas escolas na promoção da leitura entre os estudantes do Ensino Fundamental. Tal abordagem visa justificar a escolha do tema, destacando sua atualidade e importância para o campo da educação.

O segundo capítulo é destinado ao referencial teórico, no qual se desenvolvem os conceitos fundamentais para a compreensão do objeto de estudo. Este capítulo foi dividido em cinco seções: a primeira aborda os fundamentos das histórias em quadrinhos, suas principais características e funcionamento; a segunda explora o conceito de adaptação literária nesse formato, discutindo suas possibilidades enquanto releitura de obras clássicas; na terceira seção, examina-se o uso das HQs como estratégia para o estímulo à leitura; a quarta seção analisa a inserção das HQs no contexto escolar e suas contribuições pedagógicas; por fim, a quinta seção discorre sobre a leitura no Ensino Fundamental, com ênfase nos desafios e nas possibilidades pedagógicas existentes.

No terceiro capítulo, são explicitados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Discute-se o tipo de abordagem utilizada, os instrumentos de coleta de dados, a caracterização do público-alvo e do local de aplicação, bem como os critérios utilizados para a análise dos dados. Este capítulo é fundamental para assegurar a transparência e a credibilidade do processo investigativo, além de possibilitar a replicabilidade do estudo.

O quarto e último capítulo contempla a apresentação e a análise dos resultados obtidos. Inicialmente, são expostos os dados levantados durante a aplicação da proposta com os alunos. Em seguida, realiza-se uma comparação entre os resultados obtidos e os achados de estudos anteriores, promovendo um diálogo crítico entre teoria e prática. Por fim, são apresentadas reflexões sobre o impacto do uso das histórias em quadrinhos no processo de ensino-aprendizagem da leitura, ressaltando as contribuições dessa estratégia para a formação leitora dos estudantes do 9º ano.

2 LITERATURA EM QUADRINHOS

A literatura, ao longo dos séculos, tem assumido diversas formas e suportes, acompanhando as transformações culturais, tecnológicas e sociais da humanidade. Com o avanço da comunicação visual e o fortalecimento da cultura pop, uma nova linguagem híbrida ganhou espaço: a literatura em quadrinhos. Unindo texto e imagem em uma narrativa sequencial, os quadrinhos passaram a ser reconhecidos não apenas como entretenimento, mas também como uma forma legítima de expressão literária. Essa modalidade amplia as possibilidades de leitura e interpretação, oferecendo uma experiência estética singular. Assim, antes de adentrarmos nos conceitos e características específicas da literatura em quadrinhos, é fundamental compreender como essa linguagem se estrutura e qual o seu papel no universo literário contemporâneo.

2.1 A Literatura em Quadrinhos: Conceitos e Características

A origem das histórias em quadrinhos é um tema que desperta divergências entre estudiosos, não havendo uma data precisa para seu surgimento. Alguns teóricos, como David Lewis-Williams (2002), Will Eisner (2008) e Scott McCloud (2007), sugerem que seus primeiros traços podem ser encontrados ainda na Pré-História, enquanto outros associam o início desse tipo de narrativa visual à Conquista da Normandia, no século XI. Há também aqueles que acreditam que os quadrinhos, como os conhecemos hoje, evoluíram das publicações cômicas produzidas entre os séculos XVIII e XIX, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, durante um período de efervescência artística voltado para o humor gráfico.

Dentro desse amplo debate, Will Eisner (2008), um dos principais teóricos e artistas dos quadrinhos, reforça a ideia de que a linguagem sequencial, base estrutural das histórias em quadrinhos, é uma forma ancestral de comunicação visual. Ele afirma que "o uso de imagens para transmitir ideias precede o uso das palavras" (Eisner, 2008, p. 8). Para o autor, os quadrinhos representam uma evolução dessa linguagem visual, sendo uma forma legítima de arte narrativa que combina texto e imagem em uma relação simbiótica capaz de transmitir experiências complexas de forma acessível e envolvente.

Essa combinação entre palavra e imagem, segundo Eisner (2008), exige uma leitura particular, que não se limita à decodificação textual, mas que envolve a interpretação de elementos gráficos, expressões faciais, gestos e enquadramentos. O autor destaca que a

narrativa gráfica possui uma gramática própria, em que cada elemento visual tem função comunicativa específica. Desse modo, o leitor de histórias em quadrinhos desenvolve uma competência única de leitura, que o coloca em contato direto com a intencionalidade do autor por meio de signos visuais integrados ao discurso verbal (Eisner, 2008).

Além disso, Eisner (2008) aponta que os quadrinhos não apenas refletem aspectos da cultura, mas também funcionam como uma ferramenta poderosa de crítica social e de construção de identidade. Ao retratar personagens cotidianos, conflitos urbanos e dilemas humanos em contextos acessíveis, essa linguagem se mostra capaz de provocar reflexão e empatia. Para ele, essa força comunicativa está justamente na simplicidade aparente da forma, que esconde uma complexa articulação entre conteúdo e estilo, narrativa e estética, configurando os quadrinhos como uma forma madura e expressiva de arte sequencial (Eisner, 2008).

Nessa mesma perspectiva, Scott McCloud (2007) amplia a compreensão sobre a origem e a estrutura das histórias em quadrinhos ao enfatizar que essa forma de arte se baseia na justaposição de imagens pictóricas e outras figuras em sequência deliberada, com o objetivo de transmitir informações e provocar uma resposta estética no leitor. Para o autor, “os quadrinhos são uma forma de comunicação que utiliza uma linguagem própria, combinando palavras e imagens para construir significados” (McCloud, 2007, p. 9). Essa definição reforça a ideia de que os quadrinhos não são apenas entretenimento, mas sim uma forma sofisticada de expressão cultural e artística, que evoluiu ao longo do tempo, mantendo vínculos com tradições visuais do passado e incorporando novas possibilidades narrativas.

Complementando essa análise, McCloud também destaca a importância do “espaço entre os quadros”, conhecido como *gutter*, como um elemento fundamental na construção do sentido. É nesse espaço que o leitor exerce um papel ativo, preenchendo as lacunas e estabelecendo conexões mentais entre as cenas. Esse processo, chamado de “fechamento”, é central na leitura dos quadrinhos, pois permite que a narrativa avance mesmo com o uso de imagens estáticas. Assim, os quadrinhos não apenas entregam uma história pronta, mas convidam o leitor a participar da construção do enredo, tornando a experiência de leitura mais interativa e subjetiva (McCloud, 2007).

Ainda de acordo com McCloud, a simplicidade aparente das imagens nos quadrinhos é, muitas vezes, uma escolha estética intencional, que visa facilitar a identificação do leitor com os personagens e ampliar o alcance da mensagem. Segundo ele, quanto mais estilizado for um rosto ou figura, maior a tendência de o leitor projetar a si mesmo naquele personagem. Isso amplia o potencial comunicativo dos quadrinhos, permitindo que temas complexos sejam

tratados com profundidade, mesmo em formatos visualmente acessíveis. Essa estratégia evidencia como os quadrinhos, longe de serem um gênero menor, representam uma forma refinada de arte visual e literária (McCloud, 2007).

Apesar dessas diferentes abordagens, ainda não há um consenso sobre o marco inicial dessa forma de expressão. Entre as hipóteses mais recorrentes, destaca-se a ideia de que os quadrinhos tiveram seu embrião nas pinturas rupestres. Essas representações gráficas, feitas nas paredes de cavernas, retratavam cenas do cotidiano, como momentos de caça, organizadas em sequências visuais. Essa narrativa imagética, segundo estudiosos como Scott McCloud (2007), Thierry Groensteen (2007), Will Eisner (2008) e David Lewis-Williams (2002), seria uma forma primitiva de quadrinhos, evidenciando a tentativa do ser humano de contar histórias por meio de imagens.

No entanto, essa visão não é unânime. O pesquisador sul-africano David Lewis-Williams (2002), por exemplo, contesta essa interpretação tradicional. Para ele, as pinturas encontradas em cavernas não devem ser vistas apenas como registros do dia a dia, mas como manifestações simbólicas resultantes de estados alterados de consciência. Williams propõe que essas imagens refletem experiências subjetivas profundas provocadas pelo ambiente extremo e isolado das cavernas, caracterizando-se como expressões de alterações mentais passageiras o que ele denomina de "mudanças temporárias no padrão geral da experiência subjetiva no mundo".

Matheus Moura Silva (2016), pesquisador vinculado à Universidade Federal de Goiás (UFG), desenvolve estudos sobre os chamados quadrinhos visionários, baseando-se nas ideias propostas por David Lewis-Williams (2002). Para Silva (2016), não é adequado interpretar as pinturas rupestres como simples representações do cotidiano dos povos pré-históricos. Ele argumenta que essas manifestações ocorreram em locais de difícil acesso, dentro de cavernas escuras e perigosas, o que tornaria improvável que alguém se arriscasse nesses ambientes apenas para registrar cenas do dia a dia. Em entrevista, o pesquisador afirmou que os artistas da época buscavam, na verdade, atingir estados de consciência ampliados.

Isso exigia condições específicas, como o silêncio absoluto, a ausência de luz e o isolamento sensorial fatores encontrados apenas nas profundezas das cavernas (Melo, 2018, p. 79). Com o passar do tempo, outras manifestações visuais surgiram, como as pinturas e os relevos do Egito Antigo, que também podem ser interpretados como formas narrativas. Produzidas no interior de templos e túmulos, essas imagens retratavam figuras humanas envolvidas em diferentes atividades: danças cerimoniais, cenas de caça, colheitas e práticas de

domesticação de animais. Essas representações vinham acompanhadas de símbolos e escritos cuneiformes, formando um sistema de comunicação que unia texto e imagem.

Na Idade Média, surgiram novas maneiras de contar histórias por meio de imagens. Um exemplo relevante é o manuscrito conhecido como Apocalipse do Lorrão (1189), ou Manuscrito do Lorrão. Essa obra apresenta uma combinação de ilustrações com pequenas inserções textuais em espaços destacados um formato que remete, ainda que rudimentarmente, aos balões de fala utilizados nos quadrinhos modernos. Trata-se de um dos primeiros registros históricos da fusão entre arte visual e narrativa textual nos moldes que mais tarde se desenvolveriam nos quadrinhos contemporâneos.

O Manuscrito do Lorrão contém ilustrações datadas de 1189, atribuídas a um monge do Mosteiro do Lorrão, situado no distrito de Coimbra, em Portugal. A obra é composta por 66 iluminuras que acompanham um comentário sobre o Apocalipse, o último livro do Novo Testamento da Bíblia cristã. A origem desse comentário remonta ao ano de 786, nas Astúrias região que hoje corresponde ao norte da Espanha, quando um padre redigiu, em latim, explicações destinadas a facilitar a compreensão das mensagens presentes no Apocalipse.

Cerca de quatro séculos depois, um monge beneditino do Mosteiro do Lorrão selecionou um dos 22 comentários elaborados por esse padre e realizou uma cópia manuscrita da obra. A esse conteúdo, o monge acrescentou as iluminuras que hoje integram o manuscrito, configurando uma das primeiras manifestações da combinação entre texto e imagem em moldes similares aos dos quadrinhos contemporâneos (Castro, 2015, p. 41).

O Manuscrito do Lorrão (1189) é reconhecido como uma das joias do patrimônio documental de Portugal e um dos mais expressivos registros medievais do Ocidente. Desde 2015, esse importante documento integra o programa Memória do Mundo da UNESCO, que tem como objetivo preservar e valorizar documentos de relevância histórica para a humanidade.

Já no século XIV, é possível identificar representações visuais que antecipam elementos típicos das histórias em quadrinhos. Um exemplo disso é uma xilogravura que retrata uma cena bíblica: a crucificação de Jesus. Nela, a fala de um personagem é ilustrada por meio de um tipo de faixa de texto, muito semelhante aos atuais balões de fala utilizados em quadrinhos. Esse fragmento, conhecido como Bois Protat ou bloco Protat, data de cerca de 1370 a 1380 e é considerado um dos registros mais antigos da técnica de xilogravura no contexto ocidental. A cena representa um centurião romano aos pés da cruz, com uma faixa saindo de sua boca contendo a frase: “Na verdade, Este era o Filho de Deus” (Rahde, 1996), sendo esse elemento visual um antecessor dos balões das HQs, charges e cartuns.

Com o avanço da técnica, as xilogravuras começaram a ilustrar livros no século XV, mesclando imagem e texto de maneira mais sistemática. Essa prática impulsionou a produção de ilustrações literárias, alcançando grande popularidade no século XIX. Destacam-se nesse período os trabalhos de artistas como Paul et Virginie, Gustave Doré e George Cruikshank. Este último, um ilustrador inglês, contribuiu significativamente para o êxito de *Oliver Twist*, ajudando a alavancar a carreira de Charles Dickens, que à época ainda não era um autor consagrado (Rahde, 1996).

Contrapondo-se a diversas interpretações e hipóteses a respeito do surgimento das histórias em quadrinhos, o pesquisador Álvaro de Moya Vergueiro (2007), um dos principais estudiosos brasileiros no tema, adota uma postura mais crítica em relação às origens frequentemente apontadas. Em sua análise, ele desconsidera elementos como as pinturas rupestres, os hieróglifos egípcios e outras formas de escrita ideográfica, além de rejeitar interpretações que associam narrativas gráficas em suportes considerados exóticos ou em estruturas arquitetônicas como é o caso da famosa Coluna de Trajano.

Vergueiro também menciona que é comum associar as representações sequenciais da Via Sacra, presentes em igrejas ao redor do mundo e que retratam episódios da paixão e da ressurreição de Cristo, ao modelo das histórias em quadrinhos. No entanto, para ele, esses exemplos não constituem a origem efetiva dos quadrinhos como os conhecemos hoje. Sua abordagem, portanto, busca delimitar com maior precisão o conceito moderno de histórias em quadrinhos, afastando-se das interpretações que ampliam excessivamente sua definição histórica (Vergueiro, 2004).

Deste modo, Vergueiro (2004, p. 109) aponta que:

[...] embora a discussão sobre o verdadeiro instante de aparecimento das histórias em quadrinhos leve muitas vezes a longas, nem sempre muito conclusivas e, em geral, quase intermináveis discussões por parte de estudiosos e pesquisadores, é impossível não reconhecer que os quadrinhos, enquanto meio de comunicação de massa, guardam uma estreita ligação, em suas origens, com o cartum e a charge humorística (Vergueiro, 2004, p. 109).

Durante os séculos XVIII e XIX, a charge e a caricatura ganharam espaço no jornalismo ilustrado da Inglaterra e da França, mas suas origens remontam a tradições visuais mais antigas, como a iconografia medieval e as produções artísticas nos ateliês dos séculos XV e XVI. Foi nesses espaços de criação que surgiu o cartum, originalmente entendido como o desenho final de uma série de esboços destinados a compor grandes obras do período renascentista (Nery, 2001, p. 27).

Em muitos países como França, Estados Unidos, Brasil, Portugal e Itália os termos charge e cartum são usados de forma intercambiável, já que ambos se caracterizam por representações gráficas com conteúdo crítico ou satírico, voltadas a figuras públicas, acontecimentos sociais ou políticos. Essas manifestações visuais ganharam contornos próprios no século XVII, quando passaram a reunir, além do humor e da crítica, elementos da caricatura, arte que consiste em representar figuras humanas com traços exagerados e, frequentemente, sem o uso de textos.

A palavra caricatura vem do italiano *caricare*, que significa "exagerar" ou "carregar nas formas". Esse tipo de representação começou a se destacar com o trabalho do artista italiano Agostino Carracci, de Bolonha, que retratava figuras populares com traços distorcidos no século XVII. A afinidade entre a caricatura e a charge se deve ao seu caráter irônico e bem-humorado, elementos que as tornaram complementares no campo da comunicação visual.

Segundo Nery (2001, p. 80), a charge deve ser compreendida como uma forma de discurso inserida nas práticas sociais e culturais de um grupo, servindo como uma lente que revela a visão de um segmento da sociedade sobre outro. Apesar das mudanças pelas quais passou, a charge contemporânea ainda preserva suas características fundamentais.

Para que uma produção gráfica seja identificada como história em quadrinhos, é necessário que contenha ao menos dois quadros em sequência (Pinter, 2019, p. 34). Assim, mesmo com o desenvolvimento e sofisticação da charge, do cartum e da caricatura ao longo dos séculos, esses gêneros não se enquadram tecnicamente como histórias em quadrinhos, embora tenham contribuído significativamente para o surgimento dessa linguagem.

Vergueiro (2003, p. 43) observa que a ampliação dos meios de comunicação nos séculos XVIII e XIX teve papel decisivo na difusão de folhetins ilustrados e publicações humorísticas. Na Inglaterra, tornou-se comum a circulação de panfletos com caricaturas de personalidades conhecidas, enquanto nos Estados Unidos esse tipo de arte visual também ganhou popularidade, revelando um contexto de ampla valorização das produções gráficas com enfoque cômico e social.

Segundo Vergueiro, 2003, p. 40:

Por terem se difundido mais agressivamente na imprensa jornalística norte-americana, acabaram inicialmente sendo reconhecidos pelas características que ali predominavam. Como, em sua maioria, exploravam temáticas cômicas, as histórias em quadrinhos publicadas na terra do Tio Sam receberam, em virtude disso, a denominação de *funnies* ou *comics* - e, posteriormente, *comic strips* e *comic books* -, nome pelo qual ainda são hoje internacionalmente conhecidas (Vergueiro, 2003, p. 40).

Apesar de sua ampla difusão e influência cultural, as histórias em quadrinhos ainda enfrentam certo preconceito e são frequentemente consideradas produções de menor relevância ou qualidade. Como destaca Vergueiro (2003, p. 43), há uma tendência de pessoas pouco familiarizadas com essa linguagem visual as enxergarem como materiais voltados exclusivamente ao humor e ao público infantil. No entanto, esse tipo de narrativa alcança leitores de todas as idades e perfis, tratando de temas diversos com profundidade e criatividade.

No cenário brasileiro, embora muitas vezes confundidos, charge e cartum apresentam distinções claras. A charge é uma manifestação gráfica ligada diretamente à atualidade, servindo como comentário crítico ou satírico sobre fatos recentes ou figuras públicas, especialmente políticos e celebridades. Já o cartum possui um caráter mais universal e atemporal, abordando situações comuns do cotidiano que podem ser compreendidas por diferentes culturas, sem a necessidade de vínculo com acontecimentos específicos.

O cartum se aproxima bastante das tirinhas, pois pode trazer mais de um quadro, incluir diálogos e utilizar elementos como balões, expressões faciais exageradas e onomatopeias. Enquanto a charge depende de um contexto social imediato, o cartum permite maior liberdade de criação. Atualmente, ambos continuam sendo ferramentas importantes de crítica social e política, mas com formas e funções que evoluíram ao longo do tempo.

Arbach (2007, p. 67) afirma que o cartum contemporâneo pode ser entendido como uma anedota visual, geralmente com uma crítica afiada, que faz referência a pessoas ou situações sem necessariamente estar preso à realidade concreta. Ainda que não dependa de um contexto atual, o cartum pode incorporar elementos das histórias em quadrinhos, como sequências visuais, linguagem gráfica típica e recursos narrativos.

A partir dessa trajetória, é possível compreender que a charge, o cartum e a caricatura desempenharam um papel essencial no desenvolvimento das tirinhas e das histórias em quadrinhos como as conhecemos hoje. Esses formatos ajudaram a moldar a linguagem visual e narrativa que caracteriza os quadrinhos modernos, estabelecendo bases para a diversidade de estilos e temas que fazem parte desse universo expressivo.

2.2 Adaptações Literárias em HQs: uma nova perspectiva para clássicos

O professor Timothy Corrigan, da Universidade da Pensilvânia, no artigo *Defining Adaptation* (2017), explica que, em um sentido amplo, a ideia de adaptação está associada à capacidade humana, cultural e biológica de se ajustar como meio de sobrevivência, progresso ou transformação. Esse conceito é amplamente reconhecido por áreas como a sociologia

cultural, a economia política e as ciências evolutivas, sendo compreendido como parte fundamental da trajetória da humanidade (Corrigan, 2017, p. 5).

Segundo Corrigan, ao longo do século XX, as discussões sobre adaptação passaram a concentrar-se nos estudos de mídia, os quais abordam as particularidades dos diferentes meios como suas linguagens, tecnologias e contextos e a forma como estes se apropriam de obras originais. Esses estudos enfatizam as especificidades da escrita e da linguagem cinematográfica, bem como as experiências de leitura e recepção do público, que acabam moldando o conteúdo de acordo com novas realidades (Corrigan, 2017).

Linda Hutcheon (2013) destaca que as adaptações muitas vezes funcionam como recodificações, ou seja, traduções que ocorrem por meio da transposição entre diferentes sistemas de signos. Ela chama esse processo de transcodificação ou transmutação, considerando-o uma forma específica de tradução que vai além da simples reprodução do texto original (Hutcheon, 2013, p. 40).

Tanto Linda Hutcheon quanto Timothy Corrigan reconhecem que o fenômeno da adaptação está presente de forma constante ao longo da história da humanidade. Hutcheon (2013) ressalta que esse processo ocorre em diversos meios culturais e comunicacionais, como o cinema, a televisão, o teatro, os quadrinhos, a literatura, os jogos eletrônicos e até mesmo nos parques temáticos. Para a autora, a repetição constitui um elemento intrínseco à narrativa, o que faz da adaptação uma prática recorrente e significativa em diferentes contextos culturais.

Ao observarmos a história da arte e da literatura, percebemos que adaptações não são um fenômeno novo. Desde Shakespeare, que transportava narrativas de sua época para o palco, até nomes como Ésquilo, Racine, Goethe e Da Ponte, muitos artistas já se dedicavam à tarefa de recontar histórias consagradas sob novas formas. Hutcheon (2013) retoma Walter Benjamin para afirmar que contar histórias sempre foi, em grande medida, a arte de repeti-las.

No entanto, os estudiosos destacam que o termo "adaptação" pode abranger múltiplas acepções e que seu entendimento exige maior precisão conceitual. Corrigan (2017), por exemplo, propõe três abordagens distintas para compreender o fenômeno. A primeira diz respeito à adaptação como processo, ou seja, o modo pelo qual determinados textos ou objetos são transformados ao serem reinterpretados em novos formatos e linguagens. Trata-se de um ato de recriação, no qual o texto original serve de base para a construção de uma nova obra, com elementos próprios e específicos do meio em que é inserida.

Outro aspecto frequentemente abordado nos estudos sobre adaptação é a discussão em torno da fidelidade entre a obra adaptada e seu material de origem. Muitas análises ainda partem da ideia de que a qualidade de uma adaptação está ligada ao seu grau de semelhança com o

texto original, desconsiderando fatores como mudanças de linguagem midiática, temporalidade e contextos culturais diversos como ocorre, por exemplo, quando uma obra oriental é adaptada para o público ocidental, ou quando um romance de séculos passados é recriado para os dias atuais.

Hutcheon (2013) critica a valorização excessiva da originalidade e do "gênio criativo", herança do romantismo, como um dos principais fatores que contribuíram para a desvalorização das adaptações e de seus autores. Segundo ela, existe uma percepção equivocada de que o objetivo principal de uma adaptação deveria ser a fidelidade irrestrita ao texto-fonte. Essa visão pressupõe que, quanto mais próxima da obra original for a nova versão, maior será sua qualidade ideia que Hutcheon questiona abertamente.

A autora defende que a adaptação é, por essência, um ato de repetição que não visa à simples replicação. Existem múltiplas motivações que podem impulsionar um adaptador: homenagear o texto original, reinventá-lo, criticá-lo, desconstruí-lo ou até mesmo apagá-lo em favor de algo novo. Por isso, pensar em fidelidade como critério único de avaliação torna-se limitador e inadequado, pois não contempla a diversidade de intenções que podem estar por trás de uma adaptação.

Na prática, adaptar implica, inevitavelmente, em transformar. É impossível e até indesejável manter absoluta fidelidade ao material de origem, justamente porque cada meio possui suas próprias características e limitações. Além disso, como aponta Hutcheon (2013), os adaptadores podem estar movidos por distintas razões: desde o desejo de superar as versões anteriores até a intenção de criticar seus valores estéticos ou ideológicos. Em qualquer caso, adaptar é um ato que envolve apropriação, releitura e criação, exigindo tanto uma interpretação cuidadosa quanto uma dose significativa de inventividade.

Dessa forma, sob a ótica de Linda Hutcheon, as histórias em quadrinhos adaptadas revelam o potencial artístico e pedagógico das adaptações, não como reproduções inferiores do original, mas como novas experiências narrativas. Em vez de serem vistas como substituições da obra literária, elas devem ser compreendidas como formas autênticas de recriação, capazes de dialogar com diferentes públicos e contextos, mantendo viva a tradição de recontar histórias prática que, conforme lembra Walter Benjamin por meio de Hutcheon, sempre esteve no cerne da narrativa humana.

No livro *Por que ler os clássicos*, Ítalo Calvino (1991) apresenta quatorze razões que justificam a relevância da leitura de obras clássicas da literatura. Cada um desses pontos oferece reflexões valiosas sobre o papel dos clássicos na formação do leitor.

Segundo o Autor,

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessam (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (Calvino, 1991).

Embora Ítalo Calvino (1991) defenda a supremacia dos clássicos na formação do leitor, suas palavras revelam muito mais do que uma simples preferência. Ao mencionar *A Odisseia* (750 a.c.) , o autor ressalta a importância dessa obra ao longo dos séculos, especialmente para a cultura grega, sua terra de origem. Esse épico não apenas moldou narrativas posteriores, mas também se consolidou como símbolo duradouro dos valores, tradições e mitologia da Grécia Antiga, influenciando autores de diferentes nacionalidades ao longo da história.

De modo geral, os clássicos costumam ser obras antigas, mas sua leitura permanece essencial. Desde os primeiros anos escolares, aprende-se que a História é fundamental para compreender o presente. Da mesma forma, os clássicos literários ajudam a desvendar os contextos culturais, linguísticos e sociais de outros tempos. Ao percorrer essas obras, os estudantes têm a oportunidade de ampliar seu entendimento sobre o desenvolvimento da humanidade e da linguagem.

Como observa Calvino (1993), os clássicos são fundamentais para entendermos nossa identidade e trajetória. E, indo além do aspecto informativo, Ana Maria Machado (2002) destaca que esses livros representam um valioso patrimônio cultural e proporcionam grande prazer durante a leitura.

A observação de Calvino (1993) sobre os clássicos reflete uma visão profunda do papel desses livros na construção de nossa identidade e na compreensão de nossa trajetória histórica. Para ele, os clássicos não são apenas obras literárias isoladas, mas, sim, fontes fundamentais para compreendermos o que somos e de onde viemos. Eles funcionam como espelhos de uma sociedade, refletindo suas tensões, ideais, falhas e conquistas. Além disso, esses livros criam um ponto de contato entre diferentes gerações, permitindo que dialoguemos com as ideias e preocupações de pessoas que viveram em outras épocas, mas que ainda assim têm algo a dizer sobre nossa realidade contemporânea.

A relação entre o leitor e o clássico, então, se dá de forma dinâmica. Ao ler um clássico, não se está apenas resgatando um conteúdo histórico ou literário. Estamos nos conectando com as ideias e sentimentos que moldaram a história de uma determinada época, e, ao mesmo tempo, refletindo sobre como essas questões ainda ressoam em nossos dias.

Por outro lado, a afirmação de Ana Maria Machado (2002) expande essa compreensão ao reconhecer que os clássicos vão além do simples conhecimento. Eles representam um

patrimônio cultural valioso que, por sua vez, tem a capacidade de proporcionar prazer estético e emocional. O prazer que sentimos ao ler um clássico não vem apenas de sua narrativa envolvente ou de sua beleza formal, mas também da capacidade de nos transportar para outros mundos, de nos provocar a reflexão e de nos fazer questionar a realidade. Esse prazer, portanto, não é superficial; ele está diretamente ligado ao enriquecimento da nossa visão de mundo.

A combinação dessas duas visões a de Calvino e a de Machado ajuda a entender por que os clássicos ainda são relevantes. Eles nos oferecem, simultaneamente, uma base para entendermos o que somos e uma fonte inesgotável de prazer e reflexão. A partir dos clássicos, podemos explorar nossa herança cultural, descobrir novos significados e ainda ser tocados por sua beleza e profundidade. Em um mundo em constante mudança, esses livros continuam a ser um elo entre o passado e o presente, entre o individual e o coletivo, entre o real e o imaginário.

No mesmo sentido, José Paulo Paes, em seu artigo faz falta uma literatura de massa brasileira, publicado na Folha de São Paulo em 1989, também reflete sobre a função e o alcance da literatura no contexto nacional.

Se o livro continua sendo insubstituível como instrumento de saber e de cultura, perde de longe para a televisão como meio de entretenimento. Antes que houvesse tempo de nossa tardia indústria do livro implantar no grande público o gosto e o hábito de leitura, veio a televisão roubar-lhe a maior fatia do bolo (Paes, 1989, p. 09).

Os quadrinhos, cumprem também um papel significativo como meio de entretenimento, sobretudo por aliarem uma linguagem mais acessível ao suporte visual, elemento essencial para a construção da narrativa. Essa combinação favorece o envolvimento do leitor e amplia suas possibilidades de interpretação.

Rildo Cosson, no Dicionário Ceale, define o letramento literário como um processo contínuo por meio do qual a literatura é compreendida e utilizada como forma de linguagem (Cosson, 2016). Esse processo começa desde a infância, com as primeiras experiências narrativas, como cantigas de ninar, e se desenvolve ao longo da vida, por meio da leitura de romances, contos, filmes, entre outras manifestações. A ideia de apropriação está relacionada à capacidade de se identificar com os textos, de utilizá-los para expressar sentimentos, refletir sobre experiências ou aprender com os personagens.

Cosson (2016) ainda aponta que esse letramento literário se estrutura sobre quatro pilares fundamentais. O primeiro é o contato direto com a obra literária; o segundo envolve a criação de uma comunidade de leitores, onde há a partilha de textos e vivências de leitura. O terceiro aspecto é a diversificação do repertório cultural, promovendo o acesso a diferentes

formas de literatura, inclusive aquelas que extrapolam o suporte escrito. Por fim, é necessário planejar atividades que visem ao desenvolvimento da competência literária, com o objetivo de formar leitores capazes de interagir criticamente com os textos.

Nesse sentido, Marisa Lajolo observa que “não há fórmula mágica que transforme alguém em leitor se essa pessoa, por qualquer motivo, não demonstra interesse” (Lajolo, 2001 apud Grijó, 2005). Isso reforça o papel essencial do professor, que deve atuar como mediador nesse processo, adotando estratégias pedagógicas que despertem a curiosidade e a vontade de ler, transformando, aos poucos, alunos em leitores ativos e críticos.

Sobre como os textos literários devem ser tratados na escola, os PCN (Brasil, 1998) trazem a seguinte afirmação:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (PCN, 1998).

Para explorar as particularidades da linguagem literária e suas nuances, como propõe Grijó (2005), a escola vem se reformulando, buscando novas formas de mediação e selecionando cuidadosamente os materiais que oferece aos estudantes. Um dos principais desafios é despertar nos alunos o interesse genuíno pela leitura, tornando a literatura mais próxima de sua realidade e capaz de provocar prazer, mesmo quando se trata de obras consideradas clássicas.

Nesse contexto, as adaptações literárias ganham cada vez mais relevância. Mário Feijó (2012) aponta que essas versões são recriações que partem de histórias consagradas, adaptando-as a novos públicos. Segundo ele, tratam-se de produções autônomas, não meras cópias ou simplificações, mas apropriações que se fundamentam no valor simbólico atribuído aos clássicos por pais, docentes e estudantes. Grijó (2005) reforça essa ideia ao afirmar que tais adaptações, ao mesmo tempo em que fazem circular obras fundamentais da tradição literária como Camões, Cervantes ou Shakespeare, atendem ao mercado de livros paradidáticos e alimentam a percepção de que os jovens leitores estão em contato com conteúdos elevados culturalmente.

Ana Maria Machado, por sua vez, defende que o primeiro contato de crianças e adolescentes com uma obra clássica não precisa necessariamente ocorrer por meio da versão original. Para ela, o mais indicado é que esse encontro se dê por meio de uma adaptação

envolvente e bem elaborada (Machado, 2002 apud Feijó, 2012), uma vez que ler por obrigação raramente gera apreço pela leitura. O desafio, portanto, é oferecer obras que conquistem o leitor desde o início.

Além da escola, outros agentes também colaboram para a formação de leitores, como o cinema, os meios de comunicação e até mesmo as listas de livros mais vendidos. Ainda assim, Feijó (2012) reconhece o papel central da escola nesse processo, destacando-a como espaço privilegiado para o ensino da leitura e da escrita, bem como ponto de acesso aos conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo do tempo.

A grande questão sobre adaptações é usar o bom-senso. Feijó (2012, p. 36) explica que:

O acervo de uma biblioteca precisa ser renovado constantemente [...], a produção literária também precisa de renovação, de novas visões de mundo, de novas vozes para falar com os leitores iniciantes. Ou seja: acervos devem privilegiar sempre autores consagrados, mas sem excluir os chamados “novos talentos” (Feijó, 2012, p. 36).

Do mesmo modo, é fundamental que o professor se mantenha um leitor ativo, não apenas das obras clássicas, mas também da literatura contemporânea. Isso permite que ele conheça diversas adaptações e selecione, com critério e sensibilidade, aquelas que mais dialogam com o perfil e as necessidades dos alunos, tanto no aspecto escolar quanto pessoal.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, reforça a importância da inserção de múltiplas linguagens no processo educacional, estabelecendo que o estudante deve concluir a educação básica com domínio das formas de linguagem contemporânea (Brasil, 1996). Essa diretriz evidencia que é responsabilidade do educador promover o acesso a essas manifestações culturais, e direito dos alunos conhecê-las e compreendê-las.

Dentre essas linguagens modernas, destacam-se os quadrinhos, amplamente utilizados como meio de adaptação de obras clássicas. Esse gênero apresenta uma estrutura própria, que combina elementos verbais e não verbais, exigindo do leitor uma leitura integrada de texto e imagem. A relevância dessa competência é confirmada por sua presença em avaliações educacionais de grande alcance, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cujo propósito é justamente avaliar a capacidade dos estudantes de interpretar e refletir sobre diversas linguagens e discursos:

Saber até onde vai a sua capacidade para entender as várias formas de linguagem, seja um texto em português, um gráfico, uma tira de história em quadrinhos ou fórmulas

científicas. Você tem de demonstrar que entende os códigos verbais e não verbais (INEP, 2008).

Dessa forma, a adaptação literária busca alcançar leitores que originalmente não estavam entre os previstos pelo autor da obra. Isso ocorre devido a diversos fatores, como o tempo histórico, as diferenças culturais, a linguagem utilizada ou o perfil do público leitor. O conceito de “parâmetro de leitores” remete às ideias de Bakhtin, que trata das condições de produção textual, incluindo a intenção do autor, sua visão de mundo, domínio linguístico, expectativas de circulação da obra e o contexto social em que ela foi escrita, bem como a imagem idealizada de seus leitores.

Nesse sentido, o papel do adaptador é o de transpor uma obra para uma nova realidade, reinterpretando-a a partir de suas próprias vivências e das demandas do novo público.

Como destaca Paiva (2014, p. 35), o adaptador também é um leitor e, ao reescrever, atua conforme sua experiência leitora e o novo contexto de produção textual. Luiz Raul Machado, ao prefaciá-la uma obra de Mário Feijó, sintetiza bem essa ideia ao afirmar que adaptar é uma forma de traduzir transformar um enredo envolvente em uma narrativa mais acessível, utilizando uma linguagem cotidiana. Naturalmente, essa tradução implica em cortes e simplificações, o que pode ser considerado uma “traição” ao texto original. No entanto, essa “traição” aproxima o leitor iniciante de histórias que, de outra forma, estariam fora de seu alcance.

Diferentemente da tradução convencional entre idiomas, a adaptação literária propõe uma mudança de foco: em vez de simplesmente mudar a língua, ela ressignifica o conteúdo para alcançar leitores com características distintas daqueles imaginados pelo autor da versão original (Paiva, 2014).

Mário Feijó (2012, p. 108) destaca Monteiro Lobato como o maior adaptador da literatura brasileira, pela maneira como reescreveu obras clássicas voltadas ao público infantil e juvenil. Ele relata sua própria experiência como leitor: o contato inicial com Lobato o levou, posteriormente, à leitura de autores como H. G. Wells e Borges, demonstrando como uma boa adaptação pode abrir portas para os textos originais e ampliar o repertório do leitor.

Outro aspecto relevante para a formação leitora está na figura do professor-leitor. Feijó (2012) observa que a existência de docentes leitores está diretamente ligada à valorização do magistério: boas condições de trabalho, remuneração adequada e acesso contínuo à formação. A maioria dos educadores brasileiros, segundo ele, carece de apoio especialmente por parte do Estado. Assim como se exige estrutura física para o ensino de ciências ou esportes, é fundamental garantir bibliotecas e o incentivo à leitura para professores de todas as áreas.

Afinal, é impensável formar leitores sem ambientes propícios e sem educadores que cultivem o hábito e o gosto pela literatura.

As adaptações fazem parte desse processo de reinterpretação, funcionando como versões reformuladas que dialogam com os tempos atuais e seus leitores. Portanto, conforme afirma Feijó (2012), as adaptações não apenas cumprem uma função didática e cultural, mas também integram a dinâmica constante de renovação do patrimônio literário.

Segundo Zeni (2009, p. 67), adaptação é um processo criativo que visa reapresentar uma obra existente, ainda que em outro formato, com possíveis alterações no número de personagens, no idioma, no tempo ou no espaço. A transposição de uma obra literária para os quadrinhos, portanto, se insere nesse contexto. Trata-se de uma recriação que, mesmo preservando elementos do original, permite ao adaptador realizar cortes, mudanças e exclusões. Assim, a análise de uma obra em quadrinhos adaptada revela diferenças significativas em relação ao texto de origem.

Como destaca o autor, ainda que a história em quadrinhos mantenha uma relação estreita com a obra literária que a inspira, ela adquire independência e se configura como uma criação distinta e autônoma. Riche (2012, p. 190) observa que, no Brasil, a prática de converter clássicos da literatura para o formato de histórias em quadrinhos remonta aos anos 1940. Nessa época, embora alguns adaptadores valorizassem os recursos visuais característicos do novo meio, era comum que se optasse por reproduzir quase integralmente a narrativa original, realizando apenas cortes pontuais e preenchendo os quadrinhos com extensas legendas.

Desde então, o propósito principal dessas adaptações era pedagógico: estimular nos jovens o interesse pela leitura. Conforme aponta Arcuri (2013, p. 19), adaptar uma obra literária para os quadrinhos vai muito além de simplesmente ilustrar trechos do texto original com balões e legendas. Essa concepção limitada geralmente está associada à ideia de que as adaptações servem apenas para simplificar os conteúdos, tornando-os mais acessíveis, especialmente para o público jovem.

No entanto, segundo a autora, uma adaptação de qualidade envolve uma releitura profunda da narrativa, do estilo e da atmosfera criados pelo autor original, estabelecendo um diálogo criativo com a obra de referência. Nessa perspectiva, é essencial valorizar os elementos próprios das histórias em quadrinhos como a linguagem visual e a construção sequencial das imagens, em vez de se apoiar exclusivamente nos aspectos textuais da literatura. Quando os desenhos se limitam a ilustrar o texto, sem exercer uma função narrativa autônoma, perde-se a essência da linguagem dos quadrinhos, na qual a imagem, em muitos casos, deve ser capaz de contar a história por si só.

A presença de adaptações de obras clássicas da literatura em formato de histórias em quadrinhos cresceu significativamente no mercado editorial, especialmente após a inclusão desse tipo de material no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), em 2006. O edital daquele ano já destacava a seleção de “livros de histórias em quadrinhos, incluindo obras clássicas da literatura universal adaptadas artisticamente para o público jovem” (Brasil, 2005, p. 2). Esse movimento se alinha ao propósito do PNBE, que visa ampliar o acesso à cultura e fomentar o hábito da leitura entre estudantes e professores, por meio da distribuição de acervos compostos por livros literários, obras de referência e materiais de pesquisa (Brasil, 2014).

Contudo, apesar do crescimento das adaptações de clássicos literários para os quadrinhos, educadores e estudiosos da área têm expressado preocupação com a qualidade dessas produções. Ao examinar versões lançadas por diversas editoras, Lima (2013, p. 21) observou que, embora alguns autores se esforcem para tornar as narrativas mais envolventes por meio do uso criativo das linguagens próprias dos quadrinhos, ainda persistem problemas recorrentes. Entre os principais, destaca-se o excesso de legendas e a predominância de blocos de texto, o que limita o papel das imagens na construção da narrativa.

Enquanto na literatura a palavra exerce papel central na criação de sentidos, nas HQs a imagem assume protagonismo, sendo, em muitos casos, tão relevante quanto ou até mais do que o texto escrito. Os quadrinhos oferecem uma variedade expressiva e uma liberdade criativa que os torna uma linguagem artística autônoma. Por isso, não devem ser vistos apenas como ferramentas para facilitar a leitura de obras clássicas, mas sim como um meio legítimo de expressão e recriação narrativa.

Ao discutir o papel das histórias em quadrinhos no contexto educacional e cultural, é importante refletir sobre a forma como esse gênero é tradicionalmente percebido. Muitas vezes, os quadrinhos são utilizados apenas como instrumentos auxiliares no processo de formação leitora, especialmente para aproximar os jovens da literatura clássica. Essa visão, no entanto, pode ser limitadora e desconsiderar a riqueza estética e narrativa que esse meio possui.

Conforme afirma Silva, Belmiro e Martins (2013, p. 687), defende que:

Se considerarmos os quadrinhos apenas um simples instrumento didático de estímulo à leitura, espécie de degrau rumo a um nível mais elevado, não atribuiremos a eles valor intrínseco e contribuiremos para que eles permaneçam submetidos e ofuscados por outros produtos culturais. Os quadrinhos devem ser vistos como uma forma própria de linguagem ligada a uma forma de leitura, não necessariamente melhor ou pior do que outras (Silva, Belmiro e Martins, 2013, p. 687).

Essa reflexão destaca a importância de reconhecer os quadrinhos como uma linguagem legítima, com características próprias e um potencial expressivo que não deve ser subestimado. Ao valorizá-los apenas como uma etapa introdutória ao universo literário, corre-se o risco de ignorar seu valor artístico e cultural.

Diante do exposto, é possível afirmar que as histórias em quadrinhos adaptadas representam muito mais do que simples traduções visuais de obras literárias. Elas configuram-se como recriações autônomas que, ao dialogarem com diferentes linguagens, ampliam as possibilidades de acesso, interpretação e fruição estética. Como defende Hutcheon (2013), a adaptação é sempre um ato de criação, um processo de reinterpretação que carrega intencionalidades diversas, indo muito além da fidelidade ao texto original. No caso das HQs, esse potencial criativo é ainda mais evidente, uma vez que o visual desempenha papel estruturante na construção de sentidos, muitas vezes suplantando a centralidade do texto escrito presente na literatura.

Reconhecer os quadrinhos como linguagem independente e expressão cultural legítima é um passo necessário para desconstruir a visão reducionista que os coloca em posição inferior a outras manifestações artísticas ou literárias. A inserção das HQs no ambiente educacional, portanto, não deve se restringir à função instrumental de mediação para a leitura de clássicos, mas sim ser pautada pelo reconhecimento de seu valor narrativo, estético e cultural. Isso significa compreender que ler quadrinhos é também exercitar o pensamento crítico, a sensibilidade artística e a capacidade de interpretar múltiplas camadas de significação.

Assim, ao valorizar as adaptações em quadrinhos como produções legítimas e criativas, rompe-se com a lógica hierárquica que ainda permeia o campo literário e educativo, abrindo espaço para uma concepção mais plural e inclusiva da leitura e da arte. As HQs, como nos mostram os teóricos aqui citados, não apenas facilitam o acesso ao universo literário elas próprias são literatura, são arte, e são cultura.

2.3 Histórias em Quadrinhos como Ferramenta de Incentivo à Leitura

O ambiente escolar exerce uma influência direta e significativa na formação de leitores e no desenvolvimento de habilidades relacionadas à leitura. Nesse contexto, a utilização das histórias em quadrinhos (HQs) no processo de ensino-aprendizagem apresenta-se como uma ferramenta eficaz. Conforme aponta Perreli (2012), as HQs podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da leitura e da compreensão, aspectos essenciais para o domínio tanto da linguagem escrita quanto da oral. Além disso, o caráter visual e

sequencial das HQs facilita a compreensão do conteúdo, especialmente entre os alunos que ainda enfrentam dificuldades na leitura de textos mais densos, favorecendo o aprendizado de forma lúdica e acessível.

Vergueiro (2007, p. 80) também defende o valor das histórias em quadrinhos como instrumento de incentivo à leitura. Ele destaca que, ao contrário do que se acreditava em décadas passadas quando se pensava que as HQs afastavam o público jovem da leitura de obras mais complexas, pesquisas atuais demonstram que os leitores de quadrinhos também consomem outros tipos de materiais, como jornais, revistas e livros. Assim, a presença das HQs no ambiente escolar contribui para o fortalecimento do hábito de leitura, amplia o repertório linguístico dos alunos e favorece melhores desempenhos em atividades que envolvem interpretação e análise textual.

À medida que o leitor se familiariza com esse formato narrativo, ele tende a expandir seu vocabulário de maneira natural, uma vez que as temáticas das HQs são amplas e variadas. No entanto, embora o uso das HQs em sala de aula seja altamente recomendável, é importante destacar que não há normas rígidas para sua aplicação pedagógica. Conforme observa Palhares (2008), é fundamental que o professor tenha clareza dos objetivos que deseja atingir e planeje cuidadosamente como inserir os quadrinhos no conteúdo a ser trabalhado. A ausência de um modelo fixo permite ao docente uma maior liberdade criativa, possibilitando a adaptação dos quadrinhos às necessidades específicas de sua turma, ao mesmo tempo em que mantém a intencionalidade pedagógica e o alinhamento com os conteúdos curriculares.

Dessa forma, as histórias em quadrinhos se consolidam como um recurso valioso no processo educativo, como destaca Scott McCloud (2007), que ressalta a capacidade dos quadrinhos de engajar o leitor por meio de uma combinação única de texto e imagem, estimulando uma leitura crítica e reflexiva. McCloud argumenta que essa junção de elementos visuais e verbais pode tornar a leitura mais acessível e envolvente, contribuindo efetivamente para a formação de leitores mais críticos e competentes.

Tonon (2009) reforça os benefícios e suas possibilidades dentro do ambiente escolar:

As revistas em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas, sendo facilmente aplicáveis em qualquer área. Cada história oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula, dependendo apenas do interesse do professor e dos alunos. Elas podem ser usadas como reforço em pontos específicos, como para proporcionar exemplos de aplicações dos conceitos teóricos desenvolvidos durante as aulas. Vale ressaltar que o importante é que essas informações sejam absorvidas na própria linguagem dos estudantes, muitas vezes dispensando a mediação/intervenção dos professores (Tonon, 2009, p.9).

De acordo com Fogaça (2002, p.12), as histórias em quadrinhos podem desempenhar um papel significativo no estímulo à leitura dentro do ambiente escolar. Ao utilizá-las como recurso didático, o professor tem a possibilidade de desenvolver a compreensão textual dos alunos, promovendo uma leitura que articula elementos escritos e visuais. Essa combinação favorece a interpretação e a construção de sentido pelos estudantes de maneira mais acessível e envolvente.

Zoara (2012, p. 34) destaca ainda a relevância do professor como principal agente influenciador do hábito de leitura entre os alunos, superando inclusive a influência dos familiares e amigos. Esse papel de mediação torna-se ainda mais eficaz quando o educador emprega estratégias diversificadas que dialogam com o universo dos estudantes.

Nesse sentido, Banti (2012, p. 46) ressalta a importância de integrar diferentes práticas pedagógicas, aliando o uso de tecnologias educacionais tanto lúdicas quanto tradicionais a propostas que despertem o interesse pela leitura, como o uso de quadrinhos. Essa abordagem contribui para a formação de leitores mais criativos e engajados, ao mesmo tempo em que dinamiza o processo de ensino-aprendizagem.

A utilização dos quadrinhos pode ser de grande importância para iniciar a criança no caminho que leva à consolidação da prática e do prazer de ler. As histórias em quadrinhos proporcionam aos alunos maior desejo de escrever e produzir incentivados pelo imaginário, pela criatividade que se adquire por meio delas. É interessante transformar seus alunos em crianças críticas, questionadoras, formadoras de opinião, e importante saber escolher cuidadosamente histórias que despertarão essas qualidades (Catonio; Cruz, 2008).

As histórias em quadrinhos, ao longo do tempo, passaram de meros instrumentos de diversão e entretenimento, para poderosas ferramentas de inserção e estímulo à leitura, seja nas escolas, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, salas de leitura etc. Por ser uma leitura atrelada a imagens, e muitas das vezes por personagens de super-heróis, com uma narrativa em forma de história, seguida de fatos e acontecimentos, acaba tornando, principalmente, nas primeiras séries do ensino básico, uma leitura mais agradável e prazerosa, facilitando o processo de alfabetização. Santos (2001, p. 47) considera que a história em quadrinhos “[...] denominada por ele literatura em quadrinhos, agrada as crianças, uma vez que atende a sua necessidade de crescimento mental”.

Atualmente, as histórias em quadrinhos conquistaram um público diversificado, abrangendo desde crianças até adultos, com uma ampla variedade de temáticas e estilos que se adaptam aos interesses e perfis dos leitores. Com o passar do tempo e o avanço das tecnologias digitais, as HQs expandiram seu formato tradicional impresso para plataformas digitais,

tornando-se acessíveis em dispositivos eletrônicos e ambientes virtuais. Essa evolução também impulsionou a presença das histórias em quadrinhos em outras mídias, como o cinema, e personagens clássicos de editoras como a Marvel Comics passaram a protagonizar grandes produções, a exemplo de Capitão América, Thor, Superman, Hulk, entre outros.

Esse sucesso nas telonas atraiu novos leitores para os quadrinhos impressos, despertando o interesse por suas narrativas originais. O movimento contrário também ocorreu: obras literárias de diferentes estilos começaram a ser adaptadas para o formato de HQ, incluindo clássicos da literatura nacional e internacional, contos folclóricos, histórias mitológicas e diversos outros gêneros. Essas adaptações contribuíram para tornar a leitura mais atrativa, especialmente entre os jovens, além de fortalecer a presença dos quadrinhos como instrumento educativo e cultural.

A presença das HQs no contexto educacional permite uma abordagem interdisciplinar, dialogando com diversas áreas do conhecimento. Segundo Ramos (2009), ao explorar temas como cidadania, meio ambiente, ética e diversidade cultural, os quadrinhos possibilitam a discussão de conteúdos relevantes de maneira leve e acessível. Essa característica contribui para a formação de uma consciência crítica entre os alunos, além de desenvolver habilidades cognitivas relacionadas à análise, interpretação e argumentação. Quando bem selecionadas e articuladas aos objetivos pedagógicos, as HQs se tornam aliadas poderosas do professor em seu trabalho formativo.

Além disso, conforme afirma Rojo (2009, p. 89), as histórias em quadrinhos promovem uma prática de letramento múltiplo, pois estimulam a leitura de linguagens diversas como a verbal e a visual de forma simultânea. Essa articulação entre texto e imagem exige do leitor uma competência interpretativa mais complexa, desenvolvendo habilidades importantes para a leitura de diferentes gêneros textuais. No cenário atual, em que o letramento digital e visual se torna cada vez mais necessário, trabalhar com HQs em sala de aula também prepara os alunos para uma leitura crítica dos meios de comunicação e da cultura digital.

A estrutura própria das HQs, com quadros, balões, onomatopeias e linhas de ação, convida o leitor a interagir ativamente com o texto. Conforme aponta Silva e Oliveira (2013), esse formato estimula a inferência e o raciocínio lógico, uma vez que nem todas as ações são explicitadas nas falas ou nos desenhos, exigindo que o leitor preencha as lacunas da narrativa com base em sua experiência e compreensão prévia. Essa característica das HQs se mostra especialmente eficaz no trabalho com alunos em processo de alfabetização, pois favorece a construção do sentido e o desenvolvimento do pensamento sequencial.

Outro aspecto importante é o fortalecimento da identidade cultural e social por meio das histórias em quadrinhos. Para Silva e Oliveira (2013), as HQs produzidas no Brasil como as de Maurício de Sousa e Ziraldo apresentam elementos da cultura nacional que contribuem para a valorização da língua portuguesa, dos costumes locais e das narrativas populares. Ao trabalhar com produções nacionais, o professor proporciona ao aluno a oportunidade de se reconhecer nas histórias e refletir sobre sua realidade, ampliando a autoestima e o sentimento de pertencimento cultural. Não se pode ignorar também o papel motivador dos quadrinhos no processo de escrita.

De acordo com Kleiman (2008), o contato com diferentes gêneros textuais estimula a produção escrita dos alunos, principalmente quando essa escrita parte de um ponto de interesse do estudante. A leitura de HQs pode desencadear atividades como reescritas, continuações de histórias, produção de roteiros e criação de quadrinhos autorais, promovendo a autonomia e a criatividade no uso da linguagem. Essa prática contribui não apenas para o desenvolvimento da escrita, mas também para a expressão de sentimentos e ideias. O uso das HQs como ferramenta pedagógica, no entanto, exige planejamento e intencionalidade.

2.4 A Importância das Histórias em Quadrinhos no Contexto Educacional

As histórias em quadrinhos (HQs) têm se consolidado como uma linguagem híbrida de texto e imagem que pode desempenhar um papel significativo no processo de ensino-aprendizagem. Sua estrutura narrativa, que combina elementos visuais e verbais, possibilita múltiplas formas de leitura e interpretação, favorecendo o desenvolvimento de competências linguísticas, cognitivas e críticas nos estudantes. No contexto educacional brasileiro, ainda que por vezes marginalizadas, as HQs vêm ganhando espaço como recurso didático capaz de engajar os alunos e ampliar seus repertórios culturais e interpretativos.

Segundo Ramos (2009, p. 90), as HQs devem ser compreendidas como uma manifestação cultural legítima e complexa, com potencial para provocar reflexões críticas e formar leitores mais ativos. O autor destaca que os quadrinhos oferecem uma oportunidade para que o aluno interaja com diferentes linguagens, promovendo o letramento visual e a compreensão das múltiplas formas de significação presentes no mundo contemporâneo. Nesse sentido, os quadrinhos se apresentam como ferramentas interdisciplinares que permitem a articulação entre diversos campos do saber, como a História, a Língua Portuguesa, a Geografia e as Artes.

Ao tratar da relevância das HQs no ambiente escolar, Vergueiro (2007, p. 19-20) argumenta que sua utilização contribui para a democratização do acesso à leitura, especialmente entre os estudantes que têm dificuldades com textos puramente verbais. Isso porque os elementos visuais presentes nas histórias em quadrinhos atuam como facilitadores da compreensão textual, ajudando a construir sentidos e contextos mesmo em situações de menor domínio da linguagem escrita. Assim, os quadrinhos não apenas apoiam a alfabetização, como também fomentam o prazer pela leitura, ao aproximar os estudantes de narrativas que dialogam com seu universo simbólico.

Nesse mesmo viés, Silva e Oliveira (2013, p. 47) reforçam que os quadrinhos despertam o interesse dos alunos por abordarem temáticas contemporâneas e por apresentarem personagens com os quais os leitores podem se identificar. Essa aproximação é fundamental para a construção do vínculo afetivo com o material didático, elemento essencial para a motivação e para o engajamento nos processos de aprendizagem. Além disso, os autores ressaltam que os quadrinhos favorecem o desenvolvimento de habilidades inferenciais, pois exigem do leitor a interpretação integrada de imagens e textos, o que estimula a construção ativa do sentido.

Outro aspecto relevante diz respeito ao potencial das HQs como instrumentos de inclusão educacional. Em contextos de diversidade, como as escolas públicas brasileiras, os quadrinhos podem funcionar como ponte entre diferentes culturas, repertórios e realidades sociais. Conforme apontado por Barbosa (2011, p. 89), o uso de HQs na sala de aula pode contribuir para a valorização da cultura popular, da linguagem informal e das identidades juvenis, aspectos frequentemente desconsiderados pelas práticas pedagógicas tradicionais. Dessa forma, os quadrinhos podem tornar-se aliados na promoção de uma educação mais plural, dialógica e sensível às especificidades do público escolar.

Além disso, o trabalho com HQs no contexto educacional pode fomentar práticas pedagógicas inovadoras e críticas. De acordo com Fonseca (2014, p. 10), o uso desse gênero textual permite a problematização de questões sociais, políticas e históricas, estimulando o pensamento crítico e a formação cidadã. O autor destaca que muitas HQs contemporâneas abordam temas como desigualdade, preconceito, meio ambiente e direitos humanos, o que as torna recursos valiosos para a formação ética e política dos estudantes. A leitura e a análise dessas narrativas permitem aos alunos refletir sobre sua realidade e posicionar-se diante das problemáticas que os cercam.

É importante também destacar a relevância das HQs para o ensino de História e cultura. Quadrinhos como *Maus*, de Art Spiegelman, e *Angola Janga*, de Marcelo D'Saete, demonstram

como é possível articular conteúdos históricos a partir de narrativas gráficas densas e expressivas. Embora nem sempre produzidas com fins didáticos, essas obras propiciam abordagens pedagógicas críticas e interdisciplinares. D'Saete, por exemplo, ao retratar a história dos quilombos e da resistência negra no Brasil, contribui para o resgate de memórias silenciadas e para o reconhecimento da diversidade étnico-racial no currículo escolar.

Nessa perspectiva, Silva (2015, p. 78) argumenta que os quadrinhos permitem a abordagem de temas sensíveis de maneira acessível, sem, no entanto, perder a complexidade necessária ao debate educacional. A mediação pedagógica adequada possibilita que os alunos compreendam os elementos simbólicos, ideológicos e históricos presentes nas narrativas gráficas, construindo conhecimento de forma crítica e contextualizada. Assim, o professor assume um papel central na seleção e exploração das HQs, promovendo atividades que estimulem a leitura atenta, a análise textual e visual, e o debate coletivo.

No que se refere à formação de professores, é necessário que os educadores estejam preparados para utilizar os quadrinhos como instrumentos pedagógicos potentes. Para isso, é fundamental que a formação inicial e continuada inclua discussões sobre a linguagem dos quadrinhos, sua historicidade, sua estética e suas possibilidades de uso didático. Conforme Moura (2012, p. 69), é preciso superar o preconceito ainda presente em relação aos quadrinhos como uma forma de cultura “menor” ou exclusivamente infantil. Quando compreendidos em sua complexidade, os quadrinhos revelam-se ferramentas sofisticadas de ensino, capazes de dialogar com diferentes níveis de ensino e áreas do conhecimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que orienta o currículo da educação básica no Brasil, reconhece a importância da diversidade de gêneros textuais e multimodais na formação dos estudantes. Nesse sentido, a inserção das HQs nas práticas pedagógicas está alinhada com as diretrizes curriculares nacionais, que enfatizam o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura crítica, à argumentação, à cultura digital e ao letramento visual. Portanto, ao trabalhar com histórias em quadrinhos, o professor contribui para a formação integral dos alunos, respeitando sua pluralidade e promovendo a equidade de oportunidades de aprendizagem.

Além dos aspectos já destacados, é essencial refletir sobre como os quadrinhos podem servir como ponto de partida para práticas interdisciplinares criativas. Conforme afirma Zilberman (2003, p. 45), a utilização de narrativas gráficas em sala de aula pode fomentar uma abordagem didática mais integrada, rompendo com a compartimentalização excessiva das disciplinas. Ao propor a leitura de HQs que abordam temáticas históricas, sociais ou científicas, o professor pode articular diferentes áreas do conhecimento e promover um aprendizado mais

significativo e contextualizado. Por exemplo, uma HQ sobre mudanças climáticas pode ser utilizada simultaneamente nas aulas de Ciências, Geografia e Língua Portuguesa, criando um elo entre os saberes escolares e os problemas do mundo real.

A contribuição das HQs para o desenvolvimento da escrita também merece atenção. Quando incentivados a produzir suas próprias histórias em quadrinhos, os estudantes exercitam habilidades de planejamento textual, organização narrativa, domínio de linguagem e criatividade. Para Brait (2017, p. 68-69), a produção de HQs em ambiente escolar favorece o trabalho com a coesão e a coerência textual, ao mesmo tempo em que estimula a consciência dos elementos discursivos que compõem a comunicação visual e verbal. Essa atividade permite que o aluno se coloque como autor, exercendo sua voz narrativa e experimentando diferentes gêneros discursivos, estilos e pontos de vista.

Cabe ainda destacar o potencial dos quadrinhos na promoção da acessibilidade e da inclusão de estudantes com deficiência. De acordo com Oliveira e Santos (2018), o uso de HQs pode beneficiar alunos com transtornos de aprendizagem, como a dislexia, uma vez que o suporte visual auxilia na decodificação e compreensão textual. As imagens funcionam como elementos de apoio que ajudam o estudante a construir o sentido do enredo mesmo quando há limitações na leitura do texto escrito. Além disso, existem adaptações acessíveis de HQs para leitores com deficiência visual e auditiva, ampliando as possibilidades de participação desses alunos nas práticas de leitura e interpretação.

A mediação pedagógica, como ressaltado por Cosson (2016, p. 12), é o elo fundamental para que os quadrinhos possam cumprir seu papel educativo. A leitura crítica das HQs exige orientação e estratégias adequadas por parte do professor, que deve incentivar o questionamento das mensagens, dos estereótipos e das ideologias presentes nas narrativas. Isso significa que o uso das HQs não deve restringir-se à fruição estética ou ao entretenimento, mas sim promover a análise crítica do conteúdo, suas implicações sociais e seus desdobramentos no cotidiano dos estudantes. Dessa forma, a escola contribui para a formação de sujeitos reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade.

No mesmo sentido, Santos (2020) destaca que os quadrinhos são ferramentas eficazes para o trabalho com a educação para os direitos humanos, especialmente por seu potencial de sensibilização e aproximação com temas como igualdade, diversidade, justiça e solidariedade. A narrativa gráfica, ao permitir a representação simbólica de realidades sociais complexas, favorece a empatia e o engajamento dos alunos com as questões abordadas. Assim, obras como *Vidas Secas em Quadrinhos* ou *O Quilombo Orum Aiê*, por exemplo, não apenas transmitem conhecimento, mas também provocam reflexão ética e compromisso com valores humanitários.

Portanto, ao integrar os quadrinhos no contexto educacional, não apenas como ferramenta de leitura, mas também como um meio de sensibilização e reflexão crítica, a escola se torna um espaço propício para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e éticas nos estudantes. A mediação pedagógica, essencial para essa prática, permite que os alunos não apenas compreendam as histórias representadas nas HQs, mas também questionem as realidades sociais e políticas que elas trazem à tona.

Ao envolver os estudantes com questões de direitos humanos, igualdade e diversidade, os quadrinhos se tornam poderosos aliados na formação de cidadãos mais críticos, empáticos e comprometidos com a transformação social. Por meio dessa abordagem, os quadrinhos deixam de ser apenas uma forma de entretenimento ou leitura superficial, passando a ser um instrumento de educação transformadora, capaz de cultivar uma educação crítica e consciente, preparando os estudantes para um mundo cada vez mais plural e complexo.

2.5. Leitura no Ensino Fundamental: Desafios e Possibilidades

A leitura ocupa um lugar de destaque no processo de escolarização, especialmente nos anos finais do ensino fundamental, etapa em que os alunos deveriam ser capazes de interagir criticamente com diversos gêneros textuais. No entanto, a realidade educacional brasileira revela uma série de desafios que dificultam o desenvolvimento pleno dessa competência. Esses desafios vão desde questões estruturais das escolas até a formação dos professores e o desinteresse dos alunos. Diante dessa conjuntura, torna-se evidente a necessidade de um olhar mais atento por parte das instituições educacionais, gestores e formuladores de políticas públicas.

Investimentos em infraestrutura, formação continuada de professores e criação de ambientes de leitura mais acolhedores são fundamentais para reverter esse quadro. Além disso, é preciso compreender a leitura como um direito do estudante, indispensável para a sua emancipação intelectual e social. Um dos principais obstáculos enfrentados é a defasagem no processo de alfabetização que muitos estudantes ainda carregam ao chegar aos anos finais. Soares (2004, p. 34) observa que “a alfabetização não pode ser entendida como uma etapa isolada, mas como um processo contínuo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita”. Quando essa base não é solidificada nos primeiros anos, os alunos chegam às séries mais avançadas com dificuldades que comprometem toda a sua trajetória escolar.

Essas lacunas na aprendizagem inicial podem gerar desmotivação e até evasão escolar. É imprescindível, portanto, que haja um acompanhamento sistemático da aprendizagem ao

longo das séries iniciais e posteriores, com avaliações diagnósticas e intervenções pedagógicas que respeitem os ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos. Apenas assim será possível garantir uma progressão efetiva nas habilidades leitoras. Além disso, a prática de leitura na escola muitas vezes se limita a atividades mecânicas e pouco atrativas, como questionários de compreensão literal ou fichamentos repetitivos. Para Kleiman (2008, p. 78), “a leitura escolar tem sido muitas vezes marcada por práticas descontextualizadas, que não favorecem o envolvimento ativo do aluno com o texto”.

Essa abordagem empobrece a experiência leitora e afasta os estudantes do prazer de ler, tornando a leitura uma obrigação sem sentido. Para transformar essa realidade, é necessário adotar metodologias ativas, centradas no aluno, que valorizem o diálogo com os textos e permitam múltiplas formas de interpretação. A leitura deve ser vivenciada como uma experiência estética e intelectual, promovendo o pensamento crítico, a imaginação e a formação ética do leitor. Outro fator relevante é a formação dos professores. Muitos docentes não recebem, durante a graduação, uma formação consistente em didática da leitura.

Segundo Cosson (2016, p. 89), “a formação docente voltada para o trabalho com leitura ainda carece de fundamentação teórico-metodológica sólida, o que compromete a mediação efetiva do professor em sala de aula”. Sem domínio das estratégias de leitura e sem incentivo institucional à formação continuada, muitos professores acabam por reproduzir práticas ineficazes. Além disso, é importante que as formações não sejam pontuais, mas parte de um processo contínuo de desenvolvimento profissional.

A criação de comunidades de aprendizagem entre professores, com trocas de experiências, leituras coletivas e análise de práticas, pode contribuir significativamente para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas à leitura. Ainda dentro da formação docente, é importante considerar a necessidade de os professores serem leitores ativos. Freire (1989, p. 67) já alertava que “ensinar exige o respeito à autonomia do ser do educando, mas também exige o compromisso do professor com a própria formação leitora”. Um educador que lê, que compartilha suas leituras e que vivencia o prazer da leitura, é capaz de inspirar seus alunos e criar um ambiente mais favorável ao desenvolvimento das práticas leitoras.

Nesse sentido, a formação de professores-leitores deve ser incentivada desde a graduação, com disciplinas que abordem a literatura de forma crítica e prazerosa. Projetos de leitura na formação inicial, clubes do livro e escrita de resenhas e crônicas são formas eficazes de despertar no futuro professor o gosto pela leitura. Apesar dos desafios, há também diversas possibilidades a serem exploradas. Uma das mais eficazes é a valorização da leitura literária como prática cotidiana. Para Candido (1995, p. 9), “a literatura humaniza na medida em que

nos permite experimentar outras vidas, outras perspectivas, outras realidades”. Inserir obras literárias de qualidade no cotidiano escolar pode contribuir significativamente para a formação de leitores críticos e sensíveis.

A leitura literária, quando bem explorada, promove o desenvolvimento emocional, cultural e social dos estudantes. Ela permite vivenciar conflitos humanos, refletir sobre valores e ampliar horizontes. Por isso, seu espaço deve ser assegurado no currículo escolar, com tempo e mediação qualificada. Outro caminho promissor é o uso das tecnologias digitais como aliadas no incentivo à leitura. Em um mundo cada vez mais mediado por telas, é possível integrar blogs, e-books, audiolivros e plataformas de leitura colaborativa ao trabalho pedagógico. Lajolo (2001, p. 13) afirma que “a leitura no século XXI não se restringe ao suporte impresso; ela se reinventa em múltiplas linguagens e formatos”. O desafio é, portanto, incluir essas linguagens de maneira crítica e criativa no planejamento didático.

O uso das tecnologias digitais também pode democratizar o acesso à leitura, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. Ferramentas como podcasts literários, fanfics e redes sociais voltadas à literatura aproximam os jovens leitores do universo textual de forma mais significativa e interativa. Além disso, projetos de leitura que envolvam a comunidade escolar e valorizem os repertórios culturais dos alunos tendem a ter bons resultados. Segundo Abramovich (1997, p. 33), “contar histórias, ouvir narrativas, compartilhar leituras são práticas que fortalecem o vínculo entre a escola, a família e o universo cultural do aluno”. Atividades como rodas de leitura, clubes do livro e saraus literários podem despertar nos estudantes o interesse por textos diversos, contribuindo para a formação de um leitor autônomo e reflexivo.

Essas ações colaborativas favorecem o sentimento de pertencimento e valorizam os saberes locais. Ao integrar pais, responsáveis e lideranças comunitárias nas atividades de leitura, a escola se fortalece como espaço de convivência e aprendizado coletivo. É necessário também garantir que os espaços escolares sejam acolhedores e estimulantes à leitura. Bibliotecas escolares bem equipadas, com acervos atualizados e mediadores competentes, podem fazer a diferença no cotidiano dos estudantes.

Como aponta Antunes (2003, p. 123), “a biblioteca não é apenas um depósito de livros, mas um espaço de construção de sentidos, de encontro com a linguagem e com o outro”. Quando bem aproveitada, a biblioteca transforma-se em um ambiente privilegiado de aprendizagem. Para isso, é fundamental que haja investimento público na estruturação das bibliotecas escolares e na contratação de profissionais especializados em mediação de leitura. Esses espaços devem ser abertos, acessíveis e dinamizados com atividades permanentes que incentivem a prática leitora.

Outro aspecto fundamental diz respeito à seleção dos textos. É importante que os professores escolham obras que dialoguem com os interesses e vivências dos alunos. Cosson (2016) propõe o uso do Letramento Literário, que busca aproximar o aluno do texto literário por meio da problematização, da contextualização e da experiência estética. Ao trabalhar com temas que fazem parte do universo juvenil, como amizade, identidade, desigualdade, os textos ganham mais significado para os estudantes. Essa seleção deve considerar a diversidade de autores, gêneros e culturas, promovendo o respeito às diferenças e o diálogo entre distintas realidades. Livros escritos por autores negros, indígenas, mulheres e pessoas LGBTQIA+ enriquecem o repertório dos estudantes e contribuem para uma formação cidadã.

Além disso, a interdisciplinaridade pode ser uma forte aliada na promoção da leitura. Quando diferentes áreas do conhecimento se unem em torno de projetos comuns, a leitura deixa de ser responsabilidade apenas da área de Linguagens e passa a ser compreendida como uma prática transversal. Segundo Zabala (1998, p. 79), “a interdisciplinaridade possibilita a articulação de saberes, ampliando o horizonte de compreensão dos estudantes”. Trabalhar leitura em projetos que envolvam História, Ciências ou Matemática, por exemplo, ajuda a dar sentido ao ato de ler. Projetos interdisciplinares também favorecem a construção coletiva do conhecimento e incentivam a cooperação entre professores.

A leitura de textos históricos, científicos ou jornalísticos pode ser enriquecida quando articulada com temas transversais e problemas reais do cotidiano escolar. Não se pode esquecer também do papel das políticas públicas. Programas como o PNLD Literário e o Programa Nacional de Bibliotecas Escolares são fundamentais para garantir acesso a materiais de qualidade.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, de natureza interventiva, com enfoque na análise interpretativa das percepções e transformações observadas nos estudantes a partir do contato com histórias em quadrinhos literárias. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem como principal característica a busca por um entendimento aprofundado dos fenômenos sociais e educacionais, considerando o contexto em que ocorrem, as experiências dos sujeitos envolvidos e a construção de significados.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do fenômeno investigado, que envolve aspectos subjetivos relacionados à motivação, interesse, repertório cultural e práticas de leitura dos alunos. Como destaca Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é a mais apropriada quando se deseja compreender a lógica interna dos discursos, das representações e das ações humanas, como é o caso do presente estudo.

O caráter interventivo da pesquisa também merece destaque, uma vez que o estudo propõe não apenas uma análise diagnóstica da realidade escolar, mas uma ação pedagógica planejada a aplicação de uma oficina com adaptações literárias em formato de histórias em quadrinhos com o objetivo de incentivar a leitura e avaliar seus efeitos sobre os estudantes. Nessa perspectiva, a pesquisa assume um viés prático-reflexivo, aproximando-se das diretrizes da pesquisa-ação conforme defendida por Thiollent (2002), que entende a intervenção como parte integrante da produção do conhecimento e da transformação da realidade.

Além disso, a investigação apresenta características de um estudo de caso, ao concentrar-se em um grupo específico de alunos do 9º ano de uma escola particular localizada na cidade de Lago da Pedra – Maranhão, buscando compreender, de forma detalhada, os efeitos da inserção das HQs literárias como estratégia pedagógica. De acordo com Yin (2016), o estudo de caso é apropriado quando o pesquisador busca explorar um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos.

A articulação entre esses enfoques metodológicos qualitativo, interventivo e estudo de caso permite uma compreensão ampla, contextualizada e dinâmica da prática leitora entre adolescentes e das potencialidades das HQs como recurso de mediação literária. Trata-se, portanto, de uma investigação voltada à promoção do letramento literário, à valorização da

cultura juvenil e à construção de práticas pedagógicas mais significativas no ensino fundamental.

3.2 Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados

Para a realização desta pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa com caráter interventivo, centrada na análise das percepções dos estudantes acerca do uso da literatura em quadrinhos como recurso pedagógico. O objetivo principal é observar os efeitos da aplicação de uma oficina baseada em adaptações literárias em histórias em quadrinhos como instrumento de incentivo à leitura no 9º ano do ensino fundamental. A coleta de dados será realizada por meio de três instrumentos principais: a observação participante, a aplicação de um questionário semiestruturado e o uso de um diário de campo.

A observação participante será realizada ao longo das etapas da oficina, permitindo que o pesquisador acompanhe de forma ativa o processo, registrando comportamentos, expressões de interesse, formas de interação com o material em quadrinhos e a participação nas atividades propostas. Esta observação possibilita uma análise mais profunda sobre como os alunos se engajam com os textos adaptados e como essa experiência pode afetar sua relação com a leitura.

O questionário semiestruturado, por sua vez, será aplicado em dois momentos: antes da oficina (pré-intervenção) e ao final da mesma (pós-intervenção). O instrumento abordará questões abertas e fechadas sobre os hábitos de leitura dos alunos, o contato prévio com histórias em quadrinhos, as preferências literárias, as dificuldades encontradas durante a leitura tradicional e a receptividade quanto ao uso das HQs como suporte textual. As respostas permitirão identificar mudanças de percepção e avaliar a eficácia da proposta em despertar o interesse pela leitura por meio da linguagem dos quadrinhos.

Como terceiro instrumento, será utilizado um diário de campo, no qual o pesquisador registrará impressões pessoais, situações marcantes, falas espontâneas dos alunos e reflexões surgidas durante a condução da oficina. Esse recurso qualitativo será essencial para captar aspectos subjetivos da experiência vivida, além de enriquecer a interpretação dos dados obtidos nos demais instrumentos.

A triangulação dessas fontes observação, questionário e diário de campo permitirá uma análise mais abrangente e coerente dos resultados, garantindo maior rigor metodológico à pesquisa. Ao utilizar diferentes perspectivas para compreender o impacto das HQs na leitura escolar, busca-se demonstrar como esse gênero textual pode se constituir em uma ponte entre o universo literário e o cotidiano juvenil.

3.3. Público-Alvo e Local de Aplicação

O público-alvo desta pesquisa é composto por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede particular de ensino da cidade de Lago da Pedra, no estado do Maranhão. A escolha desta etapa da escolarização se justifica pelo fato de que, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os estudantes nesta faixa etária, geralmente entre 13 e 14 anos, já devem ter desenvolvido competências mais avançadas de leitura, sendo capazes de interpretar textos de diferentes gêneros e suportes, bem como estabelecer relações entre linguagem, cultura e sociedade (Brasil, 2018).

Contudo, é recorrente observar, nessa etapa de ensino, um certo desinteresse pela leitura, especialmente por parte dos adolescentes, que muitas vezes não se identificam com as propostas tradicionais de leitura literária oferecidas pela escola. Nesse sentido, a escolha dos estudantes do 9º ano visa analisar a receptividade desse público às adaptações literárias em formato de histórias em quadrinhos (HQs), investigando em que medida essa linguagem pode contribuir para a ampliação do gosto pela leitura, a compreensão textual e o desenvolvimento do senso crítico.

A oficina pedagógica será desenvolvida em sala de aula, durante o horário regular de aulas, com autorização da gestão escolar e consentimento dos responsáveis legais pelos alunos. O espaço da sala de aula será adaptado para favorecer a dinâmica das atividades propostas, incluindo momentos de leitura individual e coletiva, discussões em grupo e produção de pequenas resenhas e comentários sobre os materiais lidos.

A escolha da escola particular se justifica pela relevância de investigar práticas pedagógicas inovadoras também em contextos de ensino privado, onde há maior disponibilidade de recursos didáticos, mas onde ainda se observa a necessidade de estratégias que promovam o engajamento dos estudantes e o desenvolvimento crítico e criativo da leitura. Assim, a realização da oficina nesse contexto busca compreender não apenas o impacto pedagógico das HQs, mas também seu potencial como recurso motivador, capaz de ampliar o repertório textual dos alunos e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a pesquisa pretende respeitar as especificidades socioculturais dos estudantes, valorizando seus saberes prévios e suas formas próprias de leitura e interpretação do mundo. A presença das HQs como linguagem híbrida que combina texto verbal e imagem pode favorecer a mediação entre os conteúdos escolares e os interesses juvenis, tornando a experiência leitora mais significativa.

Por fim, destaca-se que a turma selecionada conta com um número médio de 25 a 30 alunos, o que permite uma observação qualitativa detalhada das interações e resultados. O ambiente escolar será analisado não apenas como espaço físico, mas também como campo social de produção de sentidos, onde a leitura pode ser ressignificada a partir de práticas inovadoras e motivadoras como o uso das histórias em quadrinhos.

3.4. Critérios de Análise

A análise dos dados coletados nesta pesquisa será orientada por critérios qualitativos, buscando compreender as percepções, atitudes e transformações observadas nos alunos ao longo da intervenção com adaptações literárias em formato de histórias em quadrinhos. Em consonância com a abordagem metodológica adotada, os dados não serão reduzidos a números ou estatísticas, mas interpretados à luz das categorias emergentes, da realidade observada e dos pressupostos teóricos que fundamentam a prática leitora na escola.

Inicialmente, será realizada a análise de conteúdo dos questionários semiestruturados aplicados antes e depois da oficina. Assim, será possível observar elementos como: o interesse dos alunos pela leitura antes e após a intervenção, as preferências quanto aos tipos de textos, os principais obstáculos enfrentados no processo de leitura e a aceitação ou rejeição das HQs como recurso pedagógico.

A observação participante será analisada com base em descrições analíticas e interpretativas, considerando a postura dos alunos durante as atividades, o nível de engajamento, a participação nas discussões e a relação estabelecida com o material apresentado. Os registros no diário de campo serão fundamentais para capturar nuances do comportamento dos estudantes, bem como falas espontâneas e reações que não seriam reveladas por meio do questionário. Essas observações permitirão compreender os efeitos da mediação pedagógica com HQs no cotidiano da sala de aula.

Outro critério de análise será a triangulação dos dados, conforme propõe Denzin (1978), articulando informações provenientes de diferentes fontes questionários, observação e diário de campo para garantir maior confiabilidade e profundidade à pesquisa. A triangulação permitirá verificar a consistência dos dados e aprofundar a compreensão dos fenômenos investigados.

O impacto da oficina também será avaliado com base em indicadores de mudança atitudinal e engajamento com a leitura. Isso inclui a frequência com que os alunos demonstram interesse pelos materiais, a qualidade das discussões em grupo, a pertinência das interpretações realizadas e a disposição em continuar lendo obras semelhantes por iniciativa própria.

Conforme Cosson (2016), o letramento literário se desenvolve quando o aluno passa a enxergar o texto literário como fonte de prazer, reflexão e diálogo com a realidade aspectos que serão observados na análise.

As HQs utilizadas serão analisadas sob o viés da intermedialidade, conceito que considera a relação entre linguagens verbal e visual como estratégia que potencializa a compreensão textual e estimula a leitura. Segundo Santaella (2012), a leitura em múltiplas linguagens favorece a construção de sentidos mais amplos e acessíveis, sobretudo para leitores em formação. Portanto, será avaliado de que forma a combinação de texto e imagem contribuiu para a apropriação dos conteúdos literários e para a aproximação dos alunos com obras canônicas da literatura.

Adicionalmente, serão consideradas as contribuições dos alunos durante as atividades de produção textual e interpretação dos quadrinhos, a fim de verificar se houve avanços na capacidade de inferência, argumentação e apreciação estética. A capacidade de articular elementos narrativos, identificar temas, personagens, conflitos e desfechos nas histórias em quadrinhos será utilizada como parâmetro de desenvolvimento da competência leitora.

Por fim, a análise buscará compreender se houve resignificação da leitura no imaginário dos alunos, ou seja, se a leitura deixou de ser percebida como mera obrigação escolar e passou a ocupar um lugar de prazer, curiosidade e interesse pessoal. Como defende Freire (1989), “ler o mundo precede a leitura da palavra”, e é justamente essa leitura do mundo que se pretende fomentar com a utilização das HQs como meio de aproximação dos estudantes com a literatura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo tem por objetivo apresentar, analisar e discutir os resultados obtidos a partir da aplicação de uma oficina pedagógica com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, cuja proposta central consistia em utilizar a adaptação em história em quadrinhos da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, como estratégia para incentivar a leitura literária. A discussão dos dados será realizada à luz de referenciais teóricos que abordam o ensino da literatura, o letramento literário, os multiletramentos e a mediação pedagógica, especialmente no contexto da escola pública.

A análise dos dados apresentados nos gráficos busca compreender as percepções dos estudantes acerca da atividade proposta, avaliando elementos como o interesse pela história, o papel das imagens na compreensão do texto e os aspectos que mais chamaram atenção durante a leitura. Esses indicadores são fundamentais para refletirmos sobre as estratégias de ensino que dialogam com os repertórios juvenis e que favorecem práticas de leitura mais significativas, críticas e inclusivas.

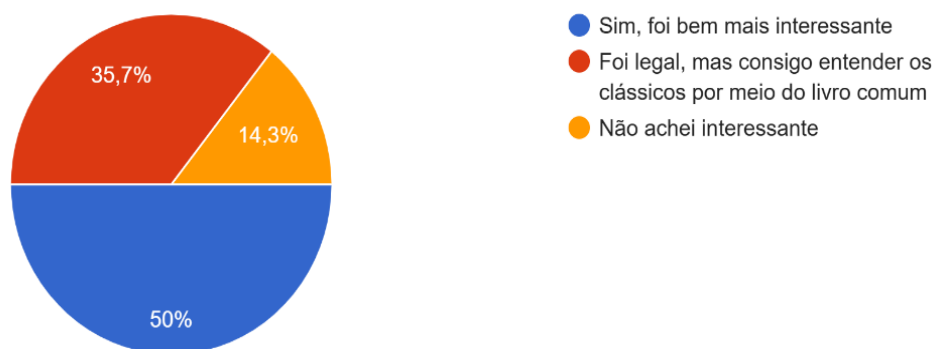
Segundo Cosson (2016), o ensino de literatura deve ir além da mera decodificação de textos, promovendo um processo de formação do leitor literário que envolva a construção de sentidos, a fruição estética e a reflexão crítica. Dessa forma, a escolha por uma adaptação em HQ não visa substituir a obra original, mas criar uma ponte acessível para que os estudantes possam adentrar o universo narrativo de forma contextualizada e motivadora. A leitura literária, neste sentido, é mediada por recursos que respeitam as especificidades cognitivas, culturais e sociais dos alunos.

4.1. Análise dos dados Coletados

Gráfico 01 – Interesse em conhecer a história de O Cortiço

Você achou interessante conhecer a história de “O Cortiço” em forma de quadrinhos?

14 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025.

A análise do primeiro gráfico revela que 50% dos alunos demonstraram interesse pela história de O Cortiço, mesmo antes do contato com a HQ. Esse dado é revelador, considerando que se trata de uma obra pertencente ao movimento naturalista do século XIX, com uma linguagem considerada, muitas vezes, difícil para os padrões atuais de leitura. O interesse demonstrado pelos estudantes indica a permanência de temas contemporâneos no romance, como desigualdade social, exploração, preconceito e luta por ascensão, o que reforça a atualidade da obra.

O interesse inicial pode estar relacionado também ao papel do professor como mediador da leitura. De acordo com Silva (2011), a mediação docente é essencial para despertar o interesse pela literatura, especialmente entre os alunos que não possuem o hábito de ler. Quando o professor contextualiza a obra, apresenta seus temas e discute sua relevância para a sociedade atual, cria-se um ambiente mais propício para que o aluno se sinta motivado a explorar a narrativa, mesmo que esta tenha sido escrita em outra época.

Na narrativa, o cortiço pertence a João Romão, um homem ambicioso e desprovido de escrúpulos. Esse ambiente é vizinho ao elegante sobrado do comendador Miranda, com quem Romão inicialmente mantém uma relação de rivalidade. A história acompanha a trajetória de ascensão social de João Romão, que começa como dono de uma venda, depois se torna proprietário de uma pedreira e, por fim, do cortiço. Seu maior desejo, no entanto, é alcançar o status e o prestígio social semelhantes aos do comendador Miranda.

Miranda, por sua vez, vive no sobrado com Dona Estela, sua esposa há mais de uma década. Apesar dos constantes desgostos no casamento, incluindo infidelidades, ele nunca se separa, pois foi por meio dela e do dote de oitenta contos em imóveis que conseguiu consolidar sua posição econômica e manter o funcionamento de seu negócio.

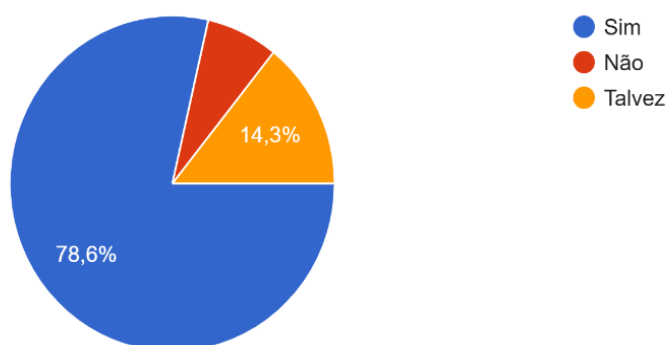
O cortiço, mais do que um cenário, exerce um papel central na obra, quase como se fosse um personagem, reunindo diversas famílias e suas histórias de vida. A narrativa aborda principalmente a ambição desmedida e a exploração entre os próprios seres humanos. João Romão simboliza a avareza e a busca incessante por ascensão social, enquanto Miranda, já inserido na elite econômica, ambiciona títulos e reconhecimento da nobreza, mesmo sustentando um casamento de aparências.

Portanto, os dados do gráfico 01 sinalizam que, mesmo sem contato prévio com a HQ, a temática da obra e a mediação pedagógica foram capazes de despertar curiosidade e predisposição para a leitura. Este é um ponto de partida essencial para desenvolver práticas de letramento literário que respeitem os sujeitos e considerem suas trajetórias de leitura.

Gráfico 02 – Imagens da HQ como instrumento para facilitar a Leitura

Ao observar as imagens da HQ, você acha que fica mais fácil de entender a história de “O Cortiço”?

14 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025.

Os alunos responderam também sobre a facilidade que as imagens conseguem trazer para o entendimento da história, pois a linguagem visual das HQs atua como suporte interpretativo, auxiliando o leitor na construção de sentidos a partir de pistas visuais como expressões faciais, cenários, gestos e cores. Segundo Ramos e Vergueiro (2009), as histórias em quadrinhos possuem grande potencial pedagógico, pois combinam texto e imagem de forma articulada, possibilitando múltiplas formas de leitura e interpretação. Isso se confirma no

gráfico, em que a maior parte dos estudantes indica ter encontrado nas imagens uma ferramenta facilitadora para entender os acontecimentos, personagens e conflitos da obra.

Além de facilitar a compreensão do enredo, o recurso visual contribui para despertar o interesse dos alunos pela leitura de obras literárias consideradas complexas, como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Muitas vezes, o vocabulário rebuscado e a ambientação do século XIX tornam-se barreiras para o leitor iniciante. No entanto, com o apoio das imagens, esses obstáculos são suavizados, promovendo maior engajamento e envolvimento com a narrativa. Conforme destaca Silva (2010), a leitura mediada por imagens possibilita ao estudante uma aproximação mais concreta com o conteúdo, estimulando o pensamento crítico e a interpretação ativa dos acontecimentos.

É possível afirmar que a utilização de HQs no ambiente escolar representa uma estratégia inclusiva, que considera os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos. Enquanto alguns aprendem melhor por meio do texto escrito, outros se beneficiam da linguagem visual. Essa diversidade de abordagens torna o processo de ensino mais dinâmico e eficaz. Segundo Rojo (2012), o trabalho com multiletramentos na escola amplia o repertório dos estudantes e contribui para a formação de leitores mais competentes e autônomos, capazes de transitar entre diferentes linguagens e formatos de texto.

As imagens, nesse sentido, não apenas ilustram o que está sendo dito, mas constroem sentidos que muitas vezes extrapolam o texto. Elas expressam emoções, ambientam a cena, sugerem ironias e reforçam críticas sociais. Ao interpretar essas imagens, o aluno desenvolve sua competência leitora de forma mais completa, pois aprende a ler além das palavras, o que é essencial para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

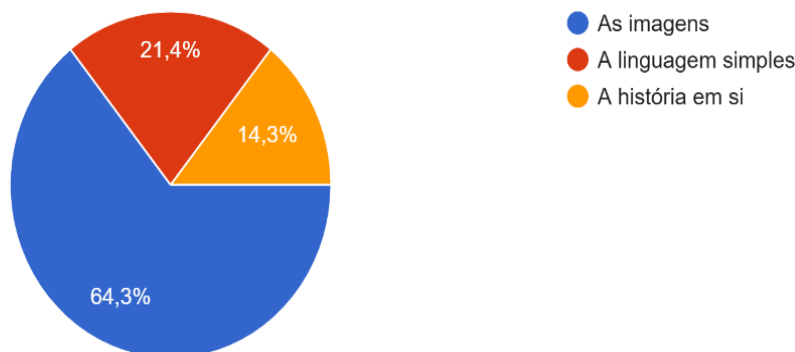
Além disso, é importante considerar o papel das imagens no desenvolvimento da autonomia leitora. Muitos alunos, ao se depararem com textos densos e sem apoio visual, sentem-se inseguros ou desmotivados. A HQ, ao proporcionar esse suporte imagético, atua como um facilitador da leitura, permitindo que o estudante se sinta capaz de compreender a obra. Isso fortalece sua autoestima e sua disposição para enfrentar outros desafios de leitura no futuro.

Como aponta Cosson (2014), o envolvimento do aluno com a obra literária depende não apenas do conteúdo, mas também da forma como este é apresentado. Uma narrativa fragmentada em quadros, com cores, expressões e ambientações visuais, tende a capturar a atenção do leitor com mais facilidade do que longos blocos de texto. Isso não reduz a complexidade da obra, mas a apresenta de forma mais acessível.

Gráfico 03 – Interesse pela HQ

O que mais chamou sua atenção na HQ?

14 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025.

Com base nos dados apresentados no gráfico, observa-se que 64,3% dos alunos apontaram as imagens como o aspecto que mais chamou sua atenção na leitura da HQ de O Cortiço. Esse resultado revela a força da linguagem visual como recurso de mediação na compreensão de textos literários. As imagens não apenas ilustram os acontecimentos, mas contribuem para a construção de sentido ao representar visualmente emoções, ações e ambientes, tornando a experiência de leitura mais concreta e significativa. Nesse contexto, o suporte gráfico se mostra essencial para despertar o interesse dos alunos, sobretudo quando se trata de obras clássicas que, em sua versão original, podem apresentar barreiras linguísticas e culturais.

Em segundo lugar, 21,4% dos estudantes destacaram a linguagem simples da HQ como elemento que mais os atraiu. Esse dado reforça a importância das adaptações acessíveis como ferramenta de inclusão no processo de ensino-aprendizagem da literatura. A simplificação textual, quando bem elaborada, não compromete o conteúdo essencial da obra, mas contribui para que os estudantes compreendam com maior clareza os personagens, os conflitos e os contextos históricos e sociais apresentados. Segundo Ramos e Vergueiro (2009), a união entre texto e imagem nas HQs potencializa a leitura e oferece caminhos interpretativos mais amplos e diversificados, o que favorece o envolvimento dos alunos com o conteúdo.

Por fim, 14,3% dos alunos afirmaram que o que mais os chamou atenção foi a própria história, o que demonstra que, mesmo diante de recursos facilitadores, o enredo e a crítica social presentes na narrativa continuam a impactar os leitores. A adaptação em HQ, nesse sentido, não anula a complexidade da obra, mas a apresenta de forma mais acessível, possibilitando que os alunos se envolvam com as temáticas abordadas como a ambição, a desigualdade social e os

conflitos de classe de maneira crítica e reflexiva. Essa percepção mostra que a mediação pedagógica por meio das HQs pode ser uma ponte entre o aluno e a literatura canônica, despertando o interesse não apenas pela forma, mas também pelo conteúdo.

Dessa forma, a análise do gráfico evidencia que a utilização de HQs em sala de aula, especialmente para a abordagem de obras clássicas como *O Cortiço*, contribui significativamente para o desenvolvimento da leitura literária. Ao aliar elementos visuais atrativos a uma linguagem acessível, esse formato facilita a interpretação textual e amplia o alcance das narrativas, tornando a literatura uma experiência mais envolvente e formativa para os estudantes.

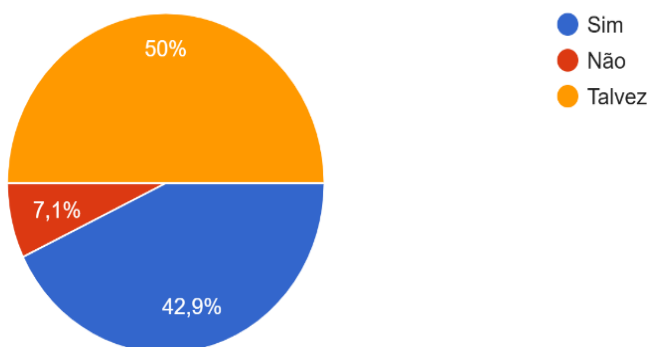
4.2. Reflexões sobre o uso de HQs como incentivo à Leitura no 9º Ano

Após a aplicação dos questionários os alunos foram questionados sobre o interesse por novos clássicos no formato de quadrinhos e também sobre a reflexão adquirida durante a realização da oficina sobre literatura.

Gráfico 04 – Você gostaria de ler outras obras literárias em formato de quadrinhos

Você gostaria de ler outras obras literárias em formato de quadrinhos?

14 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025.

Entre os 14 estudantes que responderam ao questionário, 42,9% afirmaram que gostariam de ler outras obras nesse formato, 50% responderam “talvez” e apenas 7,1% disseram que não. Esses dados indicam uma aceitação majoritariamente positiva ou ao menos curiosa quanto ao uso das histórias em quadrinhos como suporte alternativo à leitura de obras literárias tradicionais.

O fato de quase metade dos estudantes ter respondido afirmativamente sinaliza um caminho promissor para o uso dos quadrinhos como ferramenta didática no ensino de literatura.

Essa preferência pode ser compreendida à luz da linguagem híbrida dos quadrinhos, que une imagem e texto, facilitando a compreensão do enredo e promovendo maior envolvimento do leitor. De acordo com Ramos (2009), os quadrinhos desenvolvem múltiplas formas de leitura e interpretação, o que amplia o repertório linguístico e estético dos estudantes.

Já os 50% que responderam “talvez” representam um público estratégico, pois indicam uma abertura à proposta, embora ainda com alguma hesitação. Essa dúvida pode estar relacionada à familiaridade com o gênero ou à forma como as obras foram trabalhadas anteriormente. Segundo Silva (2011), a formação do gosto pela leitura está diretamente ligada à forma como os textos são apresentados na escola e à mediação do professor, que pode contribuir para transformar o “talvez” em um “sim” por meio de práticas pedagógicas significativas.

Apenas 7,1% dos alunos se posicionaram contrariamente à leitura de obras em quadrinhos. Esse número reduzido demonstra que o formato não encontra grande resistência no ambiente escolar e que, com estratégias adequadas de apresentação e sensibilização, até mesmo esse grupo pode ser convidado a reavaliar sua percepção. Como aponta Bordini e Aguiar (1988), o contato com diferentes suportes de leitura pode ampliar o horizonte literário dos estudantes e despertar o interesse mesmo daqueles que inicialmente se mostram resistentes.

É interessante observar que os dados refletem a relevância da pluralidade de gêneros no processo de formação do leitor. A escola, enquanto espaço formativo, deve promover a convivência com diferentes formas de linguagem textual, respeitando a diversidade de repertórios dos alunos. Os quadrinhos, nesse contexto, tornam-se uma porta de entrada para o universo literário, especialmente para estudantes que ainda não possuem o hábito consolidado de leitura. Como destaca Zilberman (2003), é preciso reconhecer a leitura como prática cultural e não apenas como habilidade escolar.

Outro ponto a ser considerado é que o alto índice de respostas positivas ou neutras sinaliza uma aceitação que ultrapassa a mera curiosidade. O interesse demonstrado pelos alunos revela que há uma demanda por práticas pedagógicas mais conectadas com a linguagem visual, a cultura pop e os modos contemporâneos de narrar. As histórias em quadrinhos dialogam diretamente com o cotidiano dos jovens e podem atuar como ponte entre o universo da escola e o universo cultural desses sujeitos, favorecendo um ensino mais dialógico e atrativo.

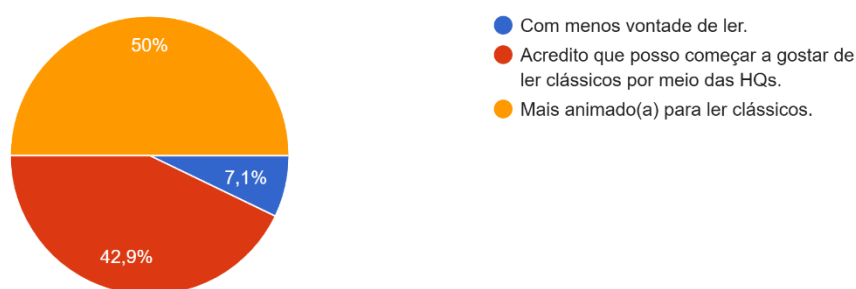
Os resultados obtidos através desse gráfico corroboram a importância de inserir os quadrinhos no planejamento das aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Mais do que um recurso complementar, eles podem assumir papel central na construção de competências de leitura crítica e interpretação textual. Como defende Vergueiro (2009), os quadrinhos não

devem ser vistos como materiais “menores” ou apenas recreativos, mas como instrumentos potentes para o desenvolvimento da literacia múltipla, sobretudo no Ensino Fundamental II, fase crucial na consolidação dos hábitos leitores.

Gráfico 05 – Reflexão em relação à leitura

Após o que foi explorado, como você se sente em relação à leitura?

14 respostas



Fonte: Autoria própria, 2025.

O gráfico analisado apresenta os sentimentos dos alunos após a atividade de leitura envolvendo a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, adaptada em formato de história em quadrinhos (HQ). Ao todo, 14 estudantes participaram da pesquisa. O resultado mostra que metade dos alunos, ou seja, 50%, afirmou estar mais animada para ler clássicos depois da atividade. Outro dado importante é que 42,9% dos alunos disseram acreditar que podem começar a gostar de ler clássicos por meio das HQs. Esse número mostra que a leitura em formato de quadrinhos pode despertar o interesse por obras literárias mais complexas, como é o caso de *O Cortiço*, um clássico do Naturalismo brasileiro.

Apenas 7,1% dos alunos afirmaram estar com menos vontade de ler. Esse percentual representa apenas um estudante, o que indica que a maioria se envolveu positivamente com a proposta pedagógica. Isso reforça a ideia de que o uso de materiais adaptados pode ser um bom caminho para aproximar os alunos da leitura literária. A escolha de trabalhar *O Cortiço* por meio das HQs foi estratégica. A linguagem dos quadrinhos costuma ser mais atrativa para os jovens, o que facilita o entendimento de temas e personagens complexos. Assim, os alunos conseguem acessar o conteúdo da obra com maior interesse e engajamento.

Esse tipo de atividade também valoriza a diversidade de formas de leitura, algo defendido por educadores como Rildo Cosson (2009), que argumenta que a leitura literária pode ser incentivada a partir de práticas contextualizadas e que dialoguem com o universo do aluno. As HQs cumprem bem esse papel ao conectar o clássico com a realidade e os gostos da turma.

Os resultados do gráfico indicam que a abordagem foi bem-sucedida em despertar o gosto pela leitura. A maioria dos estudantes se sentiu motivada a conhecer mais sobre os clássicos da literatura. Isso é fundamental, já que muitas vezes os clássicos são vistos como difíceis ou distantes da realidade do aluno. Com a mediação adequada, mesmo obras com linguagem antiga ou com temas complexos podem ser acessadas por estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Quando apresentadas de maneira atrativa, como em HQs, elas se tornam mais compreensíveis e despertam curiosidade.

Além disso, a atividade promoveu um contato inicial com a obra *O Cortiço*, possibilitando a discussão de temas sociais, como as desigualdades, o preconceito e a vida nos cortiços urbanos. Esses temas permanecem atuais e podem ser explorados em sala de aula de forma crítica e reflexiva. A leitura de clássicos, mesmo adaptados, contribui para o desenvolvimento da interpretação, do vocabulário e da formação cultural dos estudantes. Assim, o uso das HQs não substitui a obra original, mas serve como porta de entrada para leituras mais aprofundadas no futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central investigar de que forma o uso de adaptações literárias em histórias em quadrinhos (HQs) pode contribuir para o incentivo à leitura entre os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para alcançar esse propósito, buscou-se compreender as percepções dos alunos sobre a leitura antes e após a intervenção com HQs, avaliar seu nível de engajamento durante a oficina, e refletir sobre as contribuições desse suporte para o desenvolvimento da competência leitora e da interpretação textual.

A pesquisa, de caráter qualitativo e interventivo, foi desenvolvida com base em uma proposta pedagógica aplicada a um grupo de estudantes de uma escola particular da cidade de Lago da Pedra – MA. A metodologia incluiu observação participante, questionário semiestruturado e diário de campo, com o intuito de captar elementos objetivos e subjetivos da experiência vivida pelos alunos. A análise dos dados foi orientada por referenciais teóricos que tratam do letramento literário, da intermedialidade, dos multiletramentos e da mediação pedagógica.

Os resultados obtidos revelaram que a utilização da HQ como suporte de leitura despertou o interesse dos alunos por obras literárias clássicas, facilitou a compreensão do enredo e promoveu maior envolvimento com os temas abordados. A maioria dos estudantes relatou sentir-se mais animada para ler clássicos após a experiência, e muitos indicaram que gostariam de ter acesso a outras obras adaptadas nesse formato. Isso demonstra que a HQ cumpriu um papel significativo de mediação entre o aluno e a literatura, abrindo portas para um contato mais acessível, atrativo e significativo com o universo literário.

Além do impacto positivo sobre o gosto pela leitura, a proposta também favoreceu o desenvolvimento de habilidades como a interpretação crítica, a argumentação e a apreciação estética. O uso combinado de linguagem verbal e visual contribuiu para ampliar os modos de compreensão textual e de expressão dos alunos, confirmando a eficácia das HQs como instrumentos didáticos que dialogam com os repertórios culturais e as práticas sociais dos jovens.

Outro ponto relevante observado foi a resignificação da leitura no imaginário dos estudantes. Ao longo da intervenção, foi possível perceber uma mudança na forma como os alunos se relacionavam com a leitura, que deixou de ser vista apenas como obrigação escolar e passou a ser percebida como prática de prazer, curiosidade e reflexão. A linguagem híbrida das HQs, aliada a uma mediação pedagógica sensível e intencional, foi fundamental para que essa transformação ocorresse.

Dessa forma, conclui-se que os objetivos desta pesquisa foram plenamente alcançados. As HQs mostraram-se ferramentas eficazes para aproximar os alunos da literatura, desenvolver competências leitoras e promover uma educação mais inclusiva e dialógica. Recomenda-se, portanto, que essa prática seja incorporada de forma mais sistemática às propostas curriculares, respeitando a diversidade dos sujeitos e potencializando o acesso ao conhecimento por meio de linguagens que encantam, informam e educam.

REFERÊNCIAS

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O Fato Gráfico: O Humor Gráfico Como Gênero Jornalístico**. São Paulo: USP/SP. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, 2007.

ARCURI, Mariana Conde Moraes. **Literatura em quadrinhos hoje**. SOLETRAS, n. 26, 237-250, jul-dez. 2013. Disponível em: < <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras> >. Acesso em: 17 abr. 2015.

BANTI, Rafael Silva. **A utilização das Histórias em Quadrinhos no Ensino de Ciências e Biologia**. Monografia apresentada ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. 1, 2012.

BARBOSA, Jefferson Costa. **Histórias em quadrinhos e práticas pedagógicas: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAIT, Beth. **Gêneros e práticas escolares: entre a oralidade e a escrita**. São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital 2006: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2005. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/arquivos/category/109-editais?download=349:edital-pnbe-2006>>. Acesso em: 03 mai. 2025.

BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**: apresentação. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTRO, Pedro Jorge. **O Tesouro Português do Apocalipse**. Jornal Penacova Actual, Coimbra, 12 Fev. 2015. Sábado, p. 78-79.

CATONIO, A.C.D.R.; CRUZ, R.O. Gibiteca, **biblioteca do gibi**. 2008. p.724-730. Disponível em:<www.pr5.ufrj.br/cd_iber0/biblioteca_pdf/educacao>. Acesso em: 20 mai. 2025.

- CORRIGAN, Timothy. **Defining adaptation**. University of Pennsylvania, 2017.
- COSSON, Rildo. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DENZIN, Norman K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1978.
- FEIJÓ, Mario. **O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2012.
- FOGAÇA, Adriana Galvão. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. **Revista PEC**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 121-131, 2002.
- FONSECA, Ricardo. **HQ e crítica social: a potência educativa das narrativas gráficas**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GRIJÓ, A. A. **Leitura de adaptações de clássicos da literatura universal e propostas de mediação escolar**. 2005. Trabalho apresentado ao 15º Congresso de Leitura do Brasil, São Paulo, 2005.
- KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- LIMA, Marcelo Soares de. **Literatura e quadrinhos: uma questão de adaptação**. In: II CONGRESO INTERNACIONAL VIÑETAS SERIAS: NARRATIVAS GRÁFICAS: LENGUAJES ENTRE EL ARTE Y EL MERCADO. Buenos Aires, Argentina: Biblioteca Nacional, 26 al 28 de sep. 2013. p. 1-15. Libro de actas. Disponível em: <<http://www.vinetasseries.com.ar/actas2012.html>>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. 2. ed. New York: Routledge, 2013.
- LINSINGEN, Luana Von. **Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de ciências sob a perspectiva CTS**. Ciência & Ensino (ISSN 1980-8631), v. 1, 2008.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MELO, Carolina. **Quadrinhos Visionários: uma viagem ao inconsciente**. Jornal UFG, 2018. Disponível em: <<https://jornal.ufg.br/n/111319-quadrinhos-visionarios-uma-viagem-ao-inconsciente>>. Acesso em: 13 mai. 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOURA, Maria Alice. **Leitura de imagens e formação de leitores críticos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NERY, Laura. Charge: Cartilha Do Mundo Imediato. **Revista Semeiar**, Rio de Janeiro, vol. 7, 2001. Disponível em:
<http://www.letras.pucrio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_10.html> Acesso em: 15 mai. 2025.

OLIVEIRA, Thaís de; ANTUNES, Renata. **Negligência na mediação do professor no trabalho de Leitura**. In: BORTONI-RICARDO, Stela Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

OLIVEIRA, Márcia; SANTOS, Roberta. **Histórias em quadrinhos e inclusão: possibilidades para alunos com dificuldades de aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 24, n. 3, p. 395-408, 2018.

PAIVA, A. (org.) **Literatura: saberes em movimento**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Programa de Desenvolvimento Educacional. Paraná. Consultado a, v. 12, p. 2262-8, 2008.

PINTER, Aparecida. **Gêneros Textuais, a Diferença Entre: Charge, Cartoons e Quadrinhos**. Cantinho do Professor. (2019). Disponível em:
<<http://www.cantinhodoprofessor.com.br/generos-textuais-a-diferenca-entre-charge-cartoons-e-quadrinhos/>> Acesso em: 18 abr. 2025.

RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e Evolução da História em Quadrinhos**. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 5, p. 103-106, nov. 1996.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RICHE, Rosa Cuba. **Literatura e quadrinhos: linguagens em diálogo**. In: XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 2226-2239.
<[Http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/189.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/189.pdf)>. Acesso em: 07 mai. 2025.

RICHÉ, Pierre. **História da leitura no Ocidente**. São Paulo: Ática, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, R.E. **Aplicações da história em quadrinhos**. Comunicação & Educação, n.22, p.46 51, 2001.

SANTOS, Marina. **Quadrinhos e educação em direitos humanos: a construção de valores no espaço escolar**. Brasília: UnB, 2020.

SILVA, Caroline Peixoto e; BELMIRO, Celia Abicalil; MARTINS, Aracy Alves. **As relações entre texto visual e texto verbal na adaptação literária do conto “O Alienista” de Machado de Assis.** In: IV SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA – SIMELP, Goiás – UFG, 2 a 4 de jul 2013. Anais ..., p. 680-688. Disponível em: <http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_15.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2025.

SILVA, Nildete Medeiros da. **"Elementos para a análise das histórias em quadrinhos."** In: Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145679190592438538598866043670438455063.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SILVA, André; OLIVEIRA, Denise. **A linguagem dos quadrinhos na sala de aula.** Revista Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 123-138, 2013.

SILVA, Maria Cecília. **Histórias em quadrinhos e ensino de História:** possibilidades de leitura crítica. Revista História Hoje, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 45-60, 2015.

SILVA, Matheus Moura. **Adaptação literária em quadrinhos:** da literatura aos quadrinhos, dos quadrinhos à literatura. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TONON, Sandra de Fátima Tavares Rodrigues. **As histórias em quadrinhos nas aulas de matemática.** Em Extensão, v. 8, n. 1, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. **As Histórias em Quadrinhos e Seus Gêneros I: As Origens na Esfera do Humor e da Comicidade.** Não Está no Gibi. 2003. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=142> Acesso em: 11 mai. 2025.

VERGUEIRO, W; RAMA, A; BARBOSA, A; RAMOS, P; VILELA, T. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Os quadrinhos na educação:** da rejeição à prática. São Paulo: Editora Global, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2016.

ZENI, Lielson. **Literatura em quadrinhos.** In: VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo. (Orgs.). Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-158.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

ZOARA, Failla. **Retratos da leitura no Brasil 3.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionários aplicados

NOME: Mario Galantino Carlos Moura

IDADE: 14 anos

TURMA: 3º ano, vespertino

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☒ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☒ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Não luo nada, somente livros da escola
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☒ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Quando tem muitas páginas, assim fica com preguiça de ler.

N

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, pois começa por um livro mais fácil, com
que ajuda a compreender melhor ~~algum~~ ~~passo~~ com que
se interessa por livros maiores.

NOME: Maria Eduarda Semeira da Silva

IDADE: 14

TURMA: 9ª ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☒ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Dom Casmurro
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☒ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

A quantidade de páginas e as vezes pelo
livro ser muito extenso, eu fico com preguiça de ler.

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, pois começando por livros em quadrinhos nos ajuda a compreender livros mais complexos.

NOME: Lucas P. Almeida

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º Vespertino

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☒ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☒ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Não leio (um de poema, porém não me recordo o nome)
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☒ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

A falta de concentração

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

peço, pois assim as coisas melhorando a leitura.

NOME: Juliana de Sousa Almeida

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?

- ☐ Gosto muito
- ☒ Gosto um pouco
- ☐ Leio só quando é obrigatório
- ☐ Não gosto de ler

2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?

- ☐ Livros de aventura
- ☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
- ☐ Mangás
- ☒ Livros de romance
- ☐ Biografias
- ☐ Não costumo ler nada
- ☐ Outros: _____

3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?

A moreninha - Joaquim Manuel Macedo

4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?

- ☐ Sim
- ☒ Não
- ☐ Não sei dizer

5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?

- ☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
- ☐ O Alienista – Machado de Assis
- ☒ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
- ☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
- ☐ Iracema – José de Alencar
- ☐ Outra(s): _____
- ☐ Nenhuma

6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Difícil não os palavras desconhecidas e o que não
desinteresse é os grandes parágrafos e os muitos
quantidade de páginas

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, as vezes essas histórias fazem curiosidade para ser lidas maiores e assim nos ajudam na compreensão

NOME: Mariana Barros Carvalho

IDADE: 15 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Amor nos tempos dos blogs
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☒ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Eu acho mais difícil quando não é do meu gosto
que eu gosto de romance, pra mim
é mais chato pra ler e conseguir terminar, que
muitas vezes não faço

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Em minha opinião, sim, pois muitas pessoas se tornam mais ativas e menos entediadas.

NOME: Barbilla Kessily Almeida da Silva

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
A moreninha - Joaquim Manuel de Macedo
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☒ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

A quantidade de páginas e os textos muito longos e
polêmicos que faz que não tenha significado
deles

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, se a pessoa tiver um interesse no quadrinho e tiver curiosidade e quiser ler livros mais complexos pelo resto da vida.

NOME: Lana Helena Carmeiris Brandão Dias Sousa

IDADE: 14

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☒ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
As mil partes do meu coração - Colleen Hoover
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☒ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☒ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
A falta de detalhes das cenas

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, por conta das imagens que torna mais fácil de entender

NOME: Rebeca Almeida Oliveira

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Todas as suas imperfeições
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☒ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☒ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☒ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Gêneros de suspense, personagens mal desenvolvidos, ações ou situações muito presenciosas.

7. Você acha que ler histórias a quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, apesar de preferir usar minha própria imaginação para imaginar a aparência das cenas, o uso de imagens torna a leitura mais atrativa para quem não tem o hábito da leitura.

NOME: João Pedro Oliveira Brito

IDADE: 15 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☒ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☒ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
não gosto de ler
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☒ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
quando ele não tem desenhos

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, porque ajuda a ler bem melhor

NOME: Elvasto alexandro valério

IDADE: 16 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☒ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☒ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Umolz, aguentei sim
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☒ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☒ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Um vários textos ai Eu fico com preguica de li

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, porque ajuda na nossa leitura

NOME: Giuliana Lúcia Domacena Aguiar

IDADE: 34 anos

TURMA: Supertino 19º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Nemembro
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☒ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☒ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Quando eu começo a ler algo, fico empolgada, mas no metade do livro, fico desinteressada, tipo uma "crônica literária"

7. Você acha que ler histórias a quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, as histórias de quadrinhos podem ser um abertura para livros mais complexos, por ser mais fácil

NOME: Isabelly Graça de Sousa Cruz

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☒ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☒ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Nenhum.
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☒ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Acho desinteressante quando os personagens ficam irracionais,
quando faz suspense e fazem drama numa coisa boba.

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

As HQs podem ajudar leitores que não compreendem
um número grande de palavras

NOME: Ana Luíza Souza de Moraes
IDADE: 14 anos
TURMA: 9 ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☒ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☒ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
O amor não é ócio (Elayne Berta)
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☒ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Cenas que não agregam na história, personagens sem personalidade e etc...

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, porque quando as pessoas leem HQ, gostam de ler e também interessam de ler livros maiores.

NOME: Marcela Santos da Silva

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?

- ☒ Gosto muito
- ☐ Gosto um pouco
- ☐ Leio só quando é obrigatório
- ☐ Não gosto de ler

2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?

- ☐ Livros de aventura
- ☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
- ☒ Mangás
- ☐ Livros de romance
- ☐ Biografias
- ☐ Não costumo ler nada
- ☐ Outros: _____

3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?

Melody Pitch pitch pitch (Mangá)

4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?

- ☐ Sim
- ☒ Não
- ☐ Não sei dizer

5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?

- ☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
- ☐ O Alienista – Machado de Assis
- ☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
- ☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
- ☐ Iracema – José de Alencar
- ☐ Outra(s): _____
- ☐ Nenhuma

6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Protagonistas chatos, muita enrolação para chegar em um certo ponto, cenas que não agregam em nada na história

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, pois esses livros em quadrinhos podem trazer interesse ao leitor, fazendo com que ele leia mais livros, que podem ser complexos.

NOME: Gicera Vitória Moura Sousa

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º Ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☒ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☒ Outros: Suspense
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Manual de arrastado para boas histórias
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☒ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
quando as partes da história se misturam as partes que não tem ~~uma~~ necessidade.

7. Você acha que ler histórias a quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, porque os quadrinhos chama mais atenção por conta das
imagem e por serem de animação.

NOME: Ryan Wyckoff de O. Sousa
IDADE: 15
TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☒ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☒ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Nenhum
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☒ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☒ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Desinteressante.

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Porque geralmente eles abordam um tema geral, fica mais fácil de compreender.

NOME: Camila Rafael Inacio da Silva

IDADE: 84

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☒ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Não lembro
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☒ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☒ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
As muitas palavras sem nenhuma ilustração

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, por conta das imagens.

NOME: Arthur Fernandes Vasconcelos

IDADE: 15

TURMA: 9 ANO

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☒ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☒ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Nas ruas de Buz
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Desinteressante

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, pode ajudar na leitura.

NOME: Gabriela Freitas da Silva Almeida

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?

- ☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler

2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?

- ☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☒ Outros: Livros Religiosos

3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?

O Deus Esquecido

4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?

- ☐ Sim
☐ Não
☒ Não sei dizer

5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?

- ☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma

6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?

Quando vai do tema, ou o enredo é ruim, as personagens etc.

NOME: Camila Rafael Inacio da Silva

IDADE: 84

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☒ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☒ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Não lembro
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☒ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☐ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☒ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
As muitas palavras sem nenhuma ilustração

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, por conta das imagens.

NOME: Arthur Fernandes Vasconcelos

IDADE: 15

TURMA: 9 ANO

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☐ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☒ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☒ Não costumo ler nada
☐ Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
Nas ruas de Bragg
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Desinteressante

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, você treina a leitura

NOME: Kaulla Rihanna Lima Gomes

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

1. Você gosta de ler?
☒ Gosto muito
☐ Gosto um pouco
☐ Leio só quando é obrigatório
☐ Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ Livros de aventura
☐ Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ Mangás
☐ Livros de romance
☐ Biografias
☐ Não costumo ler nada
☒ Outros: Suspense
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
As vantagens de ser invisível
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☒ Sim
☐ Não
☐ Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ O Alienista – Machado de Assis
☐ A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ Iracema – José de Alencar
☐ Outra(s): _____
☐ Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Quando estou lendo clássicos tenho dificuldade com o vocabulário.

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, pois tem pessoas que não conseguem entender quando tem apenas palavras, então as imagens vão ajudar

NOME: Ana Luíza Martins Leão

IDADE: 14 anos

TURMA: 9º ano, 2ª turma

QUESTIONARIO

Este questionário faz parte de uma pesquisa sobre leitura e histórias em quadrinhos. Queremos saber como você se relaciona com a leitura e quais tipos de livros mais gosta.

Responda com sinceridade, sua participação é muito importante!

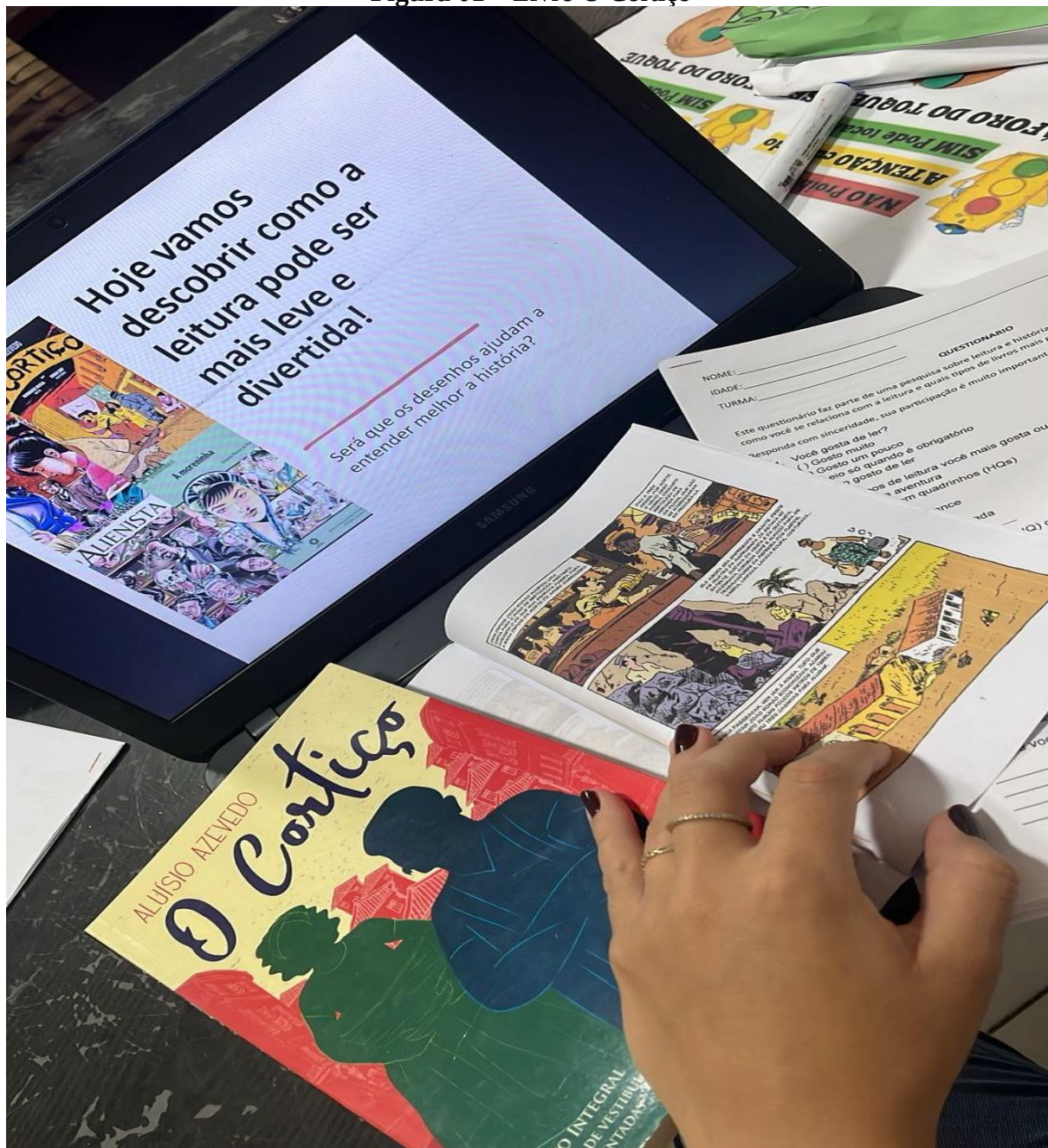
1. Você gosta de ler?
☒ (x) Gosto muito
☐ () Gosto um pouco
☐ () Leio só quando é obrigatório
☐ () Não gosto de ler
2. Quais tipos de leitura você mais gosta ou costuma fazer?
☐ () Livros de aventura
☐ () Histórias em quadrinhos (HQs)
☐ () Mangás
☒ (x) Livros de romance
☐ () Biografias
☐ () Não costumo ler nada
☐ () Outros: _____
3. Qual foi o último livro (ou HQ) que você leu e gostou?
O ponto de vista do leitor onisciente.
4. Você já leu alguma história em quadrinhos que fosse adaptação de um livro clássico?
☐ () Sim
☐ () Não
☒ (x) Não sei dizer
5. Quais dessas obras literárias você conhece (mesmo que não tenha lido)?
☒ (x) Dom Casmurro – Machado de Assis
☐ () O Alienista – Machado de Assis
☐ () A Moreninha – Joaquim Manuel de Macedo
☐ () O Cortiço – Aluísio Azevedo
☐ () Iracema – José de Alencar
☐ () Outra(s): _____
☐ () Nenhuma
6. O que você acha mais difícil ou desinteressante quando lê um livro?
Quando não dá tempo para os personagens se desenvolverem e eles acabam se tornando chatos e desinteressantes.

7. Você acha que ler histórias e quadrinhos pode ajudar na compreensão de livros mais complexos? Por quê?

Sim, porque fica mais fácil para compreender.

APÊNDICE B – Aplicação da Oficina de Leitura da História em Quadrinhos

Figura 01 – Livro O Cortiço



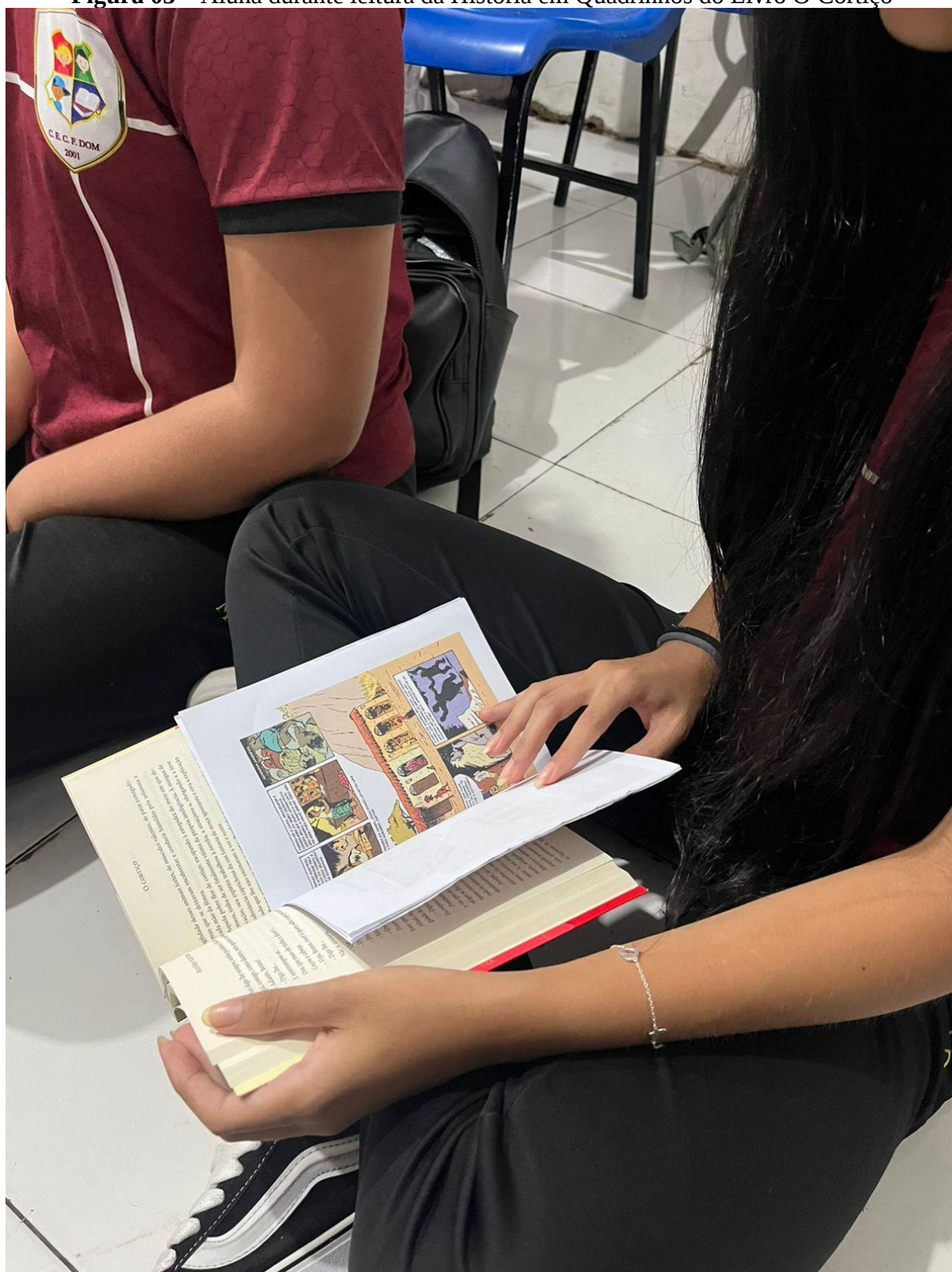
Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 02 – Aluna durante leitura da História em Quadrinhos do Livro O Cortiço



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 03 – Aluna durante leitura da História em Quadrinhos do Livro O Cortiço



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 04 – Alunos durante leitura da História em Quadrinhos do Livro O Cortiço



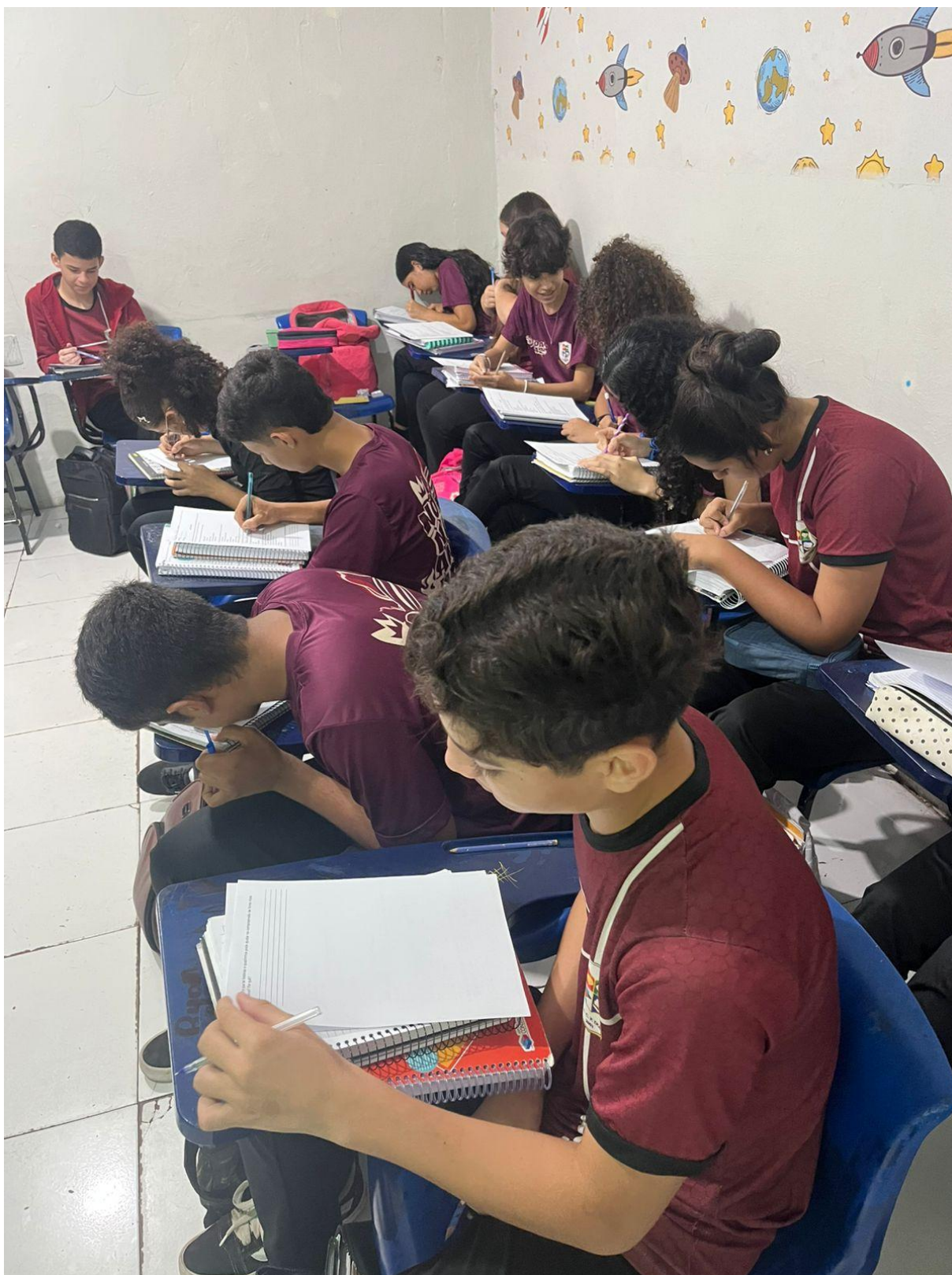
Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 05 – Alunos durante leitura da História em Quadrinhos do Livro O Cortiço



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 06 – Alunos durante leitura da História em Quadrinhos do Livro O Cortiço



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 07 – Apresentação da História em Quadrinhos do Livro O Cortiço



Fonte: Autoria própria, 2025.

Figura 08 – Alunos da Turma do 9º Ano do Ensino Fundamental Maior



Fonte: Autoria própria, 2025.